



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

**MARIANA SANTANA DE DEUS**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E IDENTIDADE CAMPONESA: CULTURA E  
RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE DE MAMÃO DO MATO, BREJÕES-BA**

**AMARGOSA - BAHIA**

**2021**

**MARIANA SANTANA DE DEUS**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E IDENTIDADE CAMPONESA: CULTURA E  
RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE DE MAMÃO DO MATO, BREJÕES – BA**

Monografia apresentada ao Colegiado da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Formação de Professores, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo – Ciências Agrárias.

Orientador: Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira

AMARGOSA- BAHIA

2021

**MARIANA SANTANA DE DEUS**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E IDENTIDADE CAMPONESA: CULTURA E  
RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE DE MAMÃO DO MATO, BREJÕES – BA**

Monografia apresentada por Mariana Santana de Deus como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo - Ciências Agrárias - no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em, 30 de setembro de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

*Carlos Adriano da Silva Oliveira*

**PROF. CARLOS ADRIANO DA SILVA OLIVEIRA (ORIENTADOR)**

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

*Maira Lopes dos Reis*

**Prof.<sup>a</sup> MAÍRA LOPES DOS REIS (AVALIADORA)**

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

*Lanna Cecília Lima de Oliveira*

**PROF. LANNA CECÍLIA LIMA DE OLIVEIRA (AVALIADORA)**

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

*Oziel Santana Neri Trindade*

**PROF. OZIEL SANTANA NERI TRINDADE (AVALIADOR)**

**Colégio Edivaldo Boaventura (SEC/BA)**

## AGRADECIMENTOS

Á Deus por sempre estar vivo em meu coração, fazendo forte para superar cada momento de dificuldade, aflição.

Agradeço as forças e energias dos meus ancestrais da natureza e assim também das cantigas e das chulas do samba. Enfim, ao axé da Comunidade que inspirava a cada momento da escrita acadêmica no trabalho, mesmo quando estava frágil.

Ao longo dessa jornada acadêmica passei por vários desafios e cada um deles foi superado por ser essa pessoa de FÉ, determinação e persistência, e por ser uma verdadeira guerreira da Caatinga.

O objetivo foi fazer a graduação, Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Agrárias, dar continuidade aos meus estudos. Em toda trajetória tive apoio de muitas pessoas o que fortaleceu, ampliou a esperança de continuar. Mas sendo assim, as pessoas realmente tinham esperanças em ver essa vitória, com todo apoio emocional, espiritual, conselhos, ajuda em construção de trabalhos acadêmicos, ajuda em condição financeira, apoios para realização de atividades acadêmicas na Comunidade. Durante toda a graduação existiu um povo que abraçou a causa, e destaco a Comunidade e família.

Também agradeço a pessoas de assentamento do município de Brejões e da Sede do município, a comunidade da Serra do Purrão, que abriram as portas e abraçaram para a realização de um trabalho acadêmico, povo de outras comunidades que presenciava a realização das atividades, sujeitos que apoiaram, acolheram com o seu jeito mais simples de ver o outro, só agradecer. Sinto agraciada por tudo, gratidão!

Gratidão, aos meus pais que são a razão de minha existência, não tenho palavras para dizer a dimensão do carinho, amor e dedicação que eles tiveram comigo. Acompanhando as atividades que realizei durante toda vida de estudo em alternância. E muito mais! Por ficar com meus filhos durante toda essa trajetória tão árdua, e de grande desafio que foi a graduação.

Carinhosamente agradeço aos meus filhos, pela paciência comigo, o amor grandioso de sempre, por esperar as vindas para casa, às vezes quando não chegava - a cada quinze dias - eles falavam: *Mamãe que dia a senhora vai chegar?* Respondia: Eu não vou para casa porque não tenho dinheiro para ir. Outros momentos por causa das demandas e viagens da Universidade. Amos vocês cada dia mais.

Agradeço a meu noivo Wilson Moura pela parceria sempre, e paciência do namoro a distância, por acreditar em meus objetivos, que seria capaz, mesmo quando ocorriam alguns momentos desgastantes, porém outros prazerosos. Por vezes as angústias tomavam conta do

nosso sentimento, entendíamos que um dia tudo isso ia passar. Os momentos felizes adoçavam o nosso amor. Gosto-te de montão, te amo!

Quero agradecer de forma carinhosa ao Instituto Mãe Terra, na pessoa de sua Coordenadora, Marialva Galvão, que apareceu no momento mais difícil e doloroso da minha vida, quando fiquei viúva, de forma trágica, aos meus 22 anos e através dela, representando o Instituto Mãe Terra, fui encaminhada para o Instituto Federal Baiano - Campus Santa Inês, para seleção e formação do Curso Técnico em Agropecuária, em Alternância. O acompanhamento, estímulo, força fizeram acreditar em dias melhores. E daí por diante ela permanece na minha vida, na trajetória acadêmica e tantas outras, orientando a buscar oportunidades e com ela refiro que todo aprendizado nos leva a novos horizontes. Do meu coração, gratidão a você Meire.

E desse homem o que dizer? Acredito que muitas palavras! Mas vou tentar resumir brevemente. Gratidão pela menção e carinho Oziel Santana Neri Trindade por estar sempre comigo em toda trajetória acadêmica em todos os semestres. Você foi à pessoa que, mesmo não sendo bolsista Pibidiana em algumas ocasiões, fortaleceu minha luta. Oziel disse: *Mariana. Você pode participar das atividades do PIBID e também pode pedir orientação em seus trabalhos acadêmicos, que lhe ajudo sempre.*

Sendo assim, depois de alguns meses ingressei no PIBID – Diversidade, e essa experiência como bolsista só teve bons resultados. Saliento ainda que a oportunidade de participar do Programa foi única, pois apesar das muitas dificuldades daquele período o PIBID me fortaleceu muito em minha jornada acadêmica. Sendo assim, Oziel dizia: *seja forte, para conseguir dá um novo passo precisa passar por algumas dificuldades, você vai conseguir!* O desafio do Tempo Comunidade de acompanhamento dos trabalhos foi superado porque esse parceiro acompanhava os meus trabalhos. Obrigada pelas vezes que puxou minhas orelhas, importante atitude para conseguir ser uma graduanda e licenciada. Gratidão, grande amigo, humano e supervisor, professor Oziel Trindade. Grata para sempre.

Ao Instituto Federal Baiano - Campus Santa Inês, obrigada por entender que passei no vestibular da Educação do Campo na graduação, sem antes mesmo de ter concluído o curso do PROEJA na modalidade de alternância Agropecuária. Gratidão aos professores que estavam sempre fortalecendo, e também aqueles que participaram de uma atividade na minha Comunidade do Tempo Comunidade Patrícia Neves, André Leonardo. E aos professores Aurélio Carvalho, Márcio Harrisson, Getúlio que sempre me apoiaram nos diálogos.

E aos campos de estágios formais e não formais: Colégio Góis Calmon do município de Brejões, Associação do Recreio dos Viajantes e Mamão do Mato da região da Caatinga de Brejões e por fim o Centro Territorial de Educação Profissional - CETEP

Vale Jiquiriçá, Amargosa-BA e a organização que contribuiu com essa formação; o Banco de Semente da Comunidade Candeal do município de Maracás, na Coordenação de Rosineide Ribeiro. Obrigada pelo apoio!

Gratidão sempre a minha Comunidade do Mamão do Mato que apoiou em todas as fases da trajetória em alternância que já estudei, desde EFA - Escola Família Agrícola, Instituto Federal Baiano-Campus Santa Inês e UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Citando assim a graduação a qual este trabalho refere, obrigada por vocês sempre acolherem em minhas atividades de pesquisa de campo e também eventos na Comunidade, certifico aqui, algumas pessoas principalmente aos guardiões e guardiãs da memória do meu Trabalho de Conclusão de Curso, Francisca Almeida Machado Barbosa, Corinta Maria Barbosa Monteiro, Júlia Maria dos Santos Almeida, José Barbosa de Deus, Juanito dos Santos Almeida, Corina Maria dos Santos Santana, ainda, bem como às crianças, jovens, adultos e idosos da Comunidade. Agradeço as pessoas da minha comunidade, Missilene Moura, Odeval Moura, Jucélio Almeida, Martilho Moura, Marcos Almeida, etc. Obrigada também a Comunidade do Recreio dos Viajantes, que mesmo sendo distante, alguns sempre participavam dessas atividades e eventos.

E aos meus irmãos e cunhadas que contribuíram de forma direta e indiretamente: cunhadas Luciana Bonfim, Ana Cleide dos Santos e meus irmãos que apoiaram meus estudos. A minha irmã Elielma Santana de Deus que sempre colaborou ao cuidar dos meus filhos, ajudou na condição financeira nos momentos que mais precisei. Minha irmã Mariane Santana de Deus, pois nos momentos que pensei em desistir ela ficou com meus filhos, principalmente quando nossa mãe estava tratando sua saúde. Você ficou com meus meninos um semestre para que pudesse estudar o período Universidade. Agradeço.

E todos os amigos do Curso que sempre estavam do meu lado, dando força para lutar por mais um dia estudado, aqueles que dividiram o pão de cada dia, no mesmo apartamento. Aos meus amigos Joselma Dias Castro a irmã que arrumei na minha vida na Universidade, que vai para outras vivências. Rogério Gonçalves que tinha uma paciência para ajudar em formatação de trabalhos, Mauro Morais pelas nossas confidências, boas e ruins, nas quais fortalecemos um ao outro. Ginaldo Morais por suas músicas cantadas que embalava letra e nos deixava alegres nos momentos de aflição pedia: Naldo, canta uma música. Gratidão! E tantos outros colegas da turma da LEdoC: Regiane da Silva, Mônica Aragão, Jéssica Moreira, Damiana Martins, Raniele Zanol e etc. Gratidão!

E a UFRB - Centro de Formação de Professores de Amargosa, lugar que nunca imaginava pisar os pés, muito menos para estudar. No período de sua construção passei pela

frente, simbolicamente indo fazer um exame ultrassonografia obstétrica dá minha primeira gravidez, e foi aí que eu ouvir dizer que existia Universidade. Nunca imaginei estudar porque pensava que a Universidade era só pra ricos, aqueles que tinham condições. Digo hoje com o conhecimento: Universidades são para todos, que se pinte a Universidade de agricultores, de mulheres negras, indígenas, mães que não estudaram por falta de oportunidades e de tantos outros. Meus sinceros aprendizados e oportunidade de pisar, estudar, e cantar aquela música *“Trá chegar um novo dia, um novo céu uma nova terra e um novo mar, e nesse dia os oprimidos a liberdade irá cantar”* e tantas outras que cantei.

Gratidão ao Professor Carlos Adriano da Silva Oliveira meu orientador e coordenador do PIBID Diversidade. Não poderia ter escolhido outro melhor. Escolhi em um espaço de uma atividade que se realizou no CFP. Esse professor que tenho orgulho de ter como meu orientador, em momentos de desânimo na escrita ele não deixou que eu permanecesse na tristeza, fortaleceu sempre com simples palavras de conforto, esperança e coragem. Você é um ser humano excelente, ótimo profissional, professor e amigo.

Agradeço também outros professores e professoras: Janaíne Zdebski da Silva, Élcio Rizério, Fábio Josué S. Santos, Terciana Vidal Moura, Eider Silva, e Gilsélia Macedo Freitas e Maíra Lopes dos Reis, Franklin Plesman, Pacheco e aos servidores e funcionários da UFRB.

Aos meus amigos, primos e tias: que contribuíram direta e indiretamente com a minha trajetória, com as palavras de fortalecimento e animo: Fátima Pereira, Karla Cajaíba, Michele Alves, Marilene Barbosa, Izabel Barbosa, Diele de Deus, Milene de Deus, Comadre Iradelma, Mirian de Deus, Mônica Aragão, Jéssica Nogueira, Ventura Neri, Fernanda Marques por emprestar a filmadora para as entrevistas, Luciane Marques por emprestar a câmera fotográfica. Obrigada a meus amigos, com sinceras palavras de ânimo. Gratidão ao PROEJA na figura: Gelisiane Santos, Elizandro, Luciano Galvão, José Reis, Juliete, Lucas, Abevaldo Teles.

Ao professor Aurélio Carvalho do Instituto Federal Baiano-Santa Inês que sempre acreditou no meu potencial de militância da Comunidade, foi por causa dessa pessoa ilustre que eu entrei na Educação do Campo. Querido Professor Aurélio, Gratidão!

Obrigada aos companheiros que ficaram acampados no Centro de Formação de Professores para que conseguisse a residência o lugar de apoio do Curso de Educação do Campo.

Gratidão a Banca Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Maíra Lopes dos Reis, Prof.<sup>a</sup> Lanna Cecília por ter aceitado fazer parte desta etapa importante. Gratidão Prof. Oziel Santana Neri Trindade por ter aceitado o convite, como disse anteriormente, por acompanhar em toda trajetória os meus choros, alegrias divididas com você.

*[Pesquisadora: A senhora pode cantar um bendito?] A minha fia! Eu não lembro mais de nada não! Que minha memória... [...] Eu vou cantar, mas Mariana me ajuda a lembrar que já estou velha...*

*BENDITO DE SÃO JOSÉ.*

*Bendito sejas, meu senhor São José, levai a Deus menino, para o Nazaré.  
Depois a com ele! Na minha companhia, eu era devota, da Virgem Maria.  
A Virgem Maria fêlin coroado, sentado no trono, coroa Sagrada.  
Coroa Sagrada, que vem lá da glória, pequenos adorava, aquela mãe  
Senhora!  
Aquela mãe senhora, de bom coração, não deixa nós morrer, sem a confissão.  
Nós não é de morrer, ninguém ganha aos céus, se não merecer.  
Vem os apóstolos, que Jesus evêm, com braços aberto, para sempre!  
Ofereço seu bendito! Ao senhor que está na cruz, em intenção de São José,  
todo coberto com véu.*

*(GUARDIÃ DA MEMÓRIA – CORINTA MARIA BARBOSA MONTEIRO)*

*[..] eu canto com minha mãe. Chega de noite... ela tá com 90 anos, mas não saiu da mente dela... da memória dela os bendito, aí nós canta até mais tarde, nós reza, nós canta versos... Espero que não mude o país, mães (pausa), que passe pra seus filhos e netos, hoje pra eles aprender... uma hora vou puxar a orelha deles pra eles aprender as coisas boas. No café o dia passava... produzir... a mãe passava rápido, eu e minha mãe cantava que chegava estrondava o café, na Lagoa do Morro, no Gavião, Cem, desde dai uma convivência de amor de paz e de carinho, porque é a música que traz alegria...  
(ENTREVISTA, GUARDIÃO DA MEMÓRIA - JOSÉ BARBOSA DE DEUS)*

DEUS, Mariana Santana de. **Educação do campo e identidade camponesa: cultura e resistência na comunidade de Mamão do Mato, Brejões – BA.** Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia – Colegiado de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Agrárias. Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2021.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar quais as percepções dos guardiões da memória sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na comunidade do Mamão do Mato, Brejões – BA. Trata-se de um trabalho de conclusão de curso no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), na Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias, situado no campus da cidade de Amargosa. Na produção relevamos as experiências no grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM / CFP / UFRB), e vivências como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a Diversidade (PIBID - Diversidade). A metodologia do estudo está organizada por uma abordagem qualitativa, desenvolvidos por uma adaptação e aproximação a técnica de estudos etnográficos, uma revisão de literatura, com levantamento de textos sobre o tema e entrevista semiestruturadas. A interpretação de dados do estudo está vinculada a técnica de análise de conteúdo. A fundamentação teórica conta com autores que discutem a Educação do Campo como Mônica Molina (2006), Miguel Arroyo (2006; 2009), Carlos Rodrigues Brandão (2007; 2009). Desse modo, projetamos a intenção de comunicação com participantes (seis guardiões da memória) do campo empírico que marcam o cotidiano das tradições culturais a partir das relações de trabalho, soberania alimentar, religiosidades e samba de roda. Como resultados destacamos que as tradições culturais problematizadas a partir do trabalho, soberania alimentar, rezas e samba são como fortes elementos de resistência na comunidade. A cultura e resistência estão ligadas ao modo de vida, e se desdobram por uma sucessão de práticas de gerações em gerações. Esses ciclos perpetuam a valorização das origens e identidade camponesa no espaço-tempo pesquisado. A investigação também expressa a possibilidade de refletir sobre os modos de vida, e como as tradições da comunidade apresentam uma dinâmica relacional entre local e global, dessa forma, as manifestações da cultura camponesa não podem ser lidas de forma reducionista como práticas isoladas das realidades sociais, materiais e históricas de existência.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Identidade dos Sujeitos; Cultura.

DEUS, Mariana Santana de. **Educación rural e identidad campesina: cultura y resistencia en la comunidad de Mamao do Mato, Brejões - BA.** Trabajo de Finalización de Curso - Monográfico - Licenciatura en Educación Rural con título en Ciencias Agrarias. Centro de Formación de Profesores de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2021.

### **ABSTRACT**

Este trabajo tiene como objetivo analizar las percepciones de los guardianes de la memoria sobre cómo las tradiciones culturales influyen en la producción de la identidad campesina en la comunidad de Mamao do Mato, Brejões - BA. Este es un trabajo de conclusión del curso en el Centro de Formación Docente de la Universidade Federal de Recôncavo da Bahia (CFP / UFRB), en la Licenciatura en Educación Rural con énfasis en Ciencias Agrícolas, ubicado en el campus de la ciudad de Amargosa. En la producción, destacamos las experiencias en el grupo de investigación Docencia, Currículo y Formación (DOCFORM / CFP / UFRB), y experiencias como becario del Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia para la Diversidad (PIBID - Diversidad). La metodología de estudio se organiza mediante un enfoque cualitativo, desarrollado mediante una adaptación y aproximación a la técnica de los estudios etnográficos, una revisión de la literatura, con un relevamiento de textos sobre el tema y entrevistas semiestructuradas. La interpretación de los datos del estudio está vinculada a la técnica de análisis de contenido. La base teórica tiene autores que discuten la Educación Rural como Mônica Molina (2006), Miguel Arroyo (2006; 2009), Carlos Rodrigues Brandão (2007; 2009). De esta manera, proyectamos la intención de comunicarnos con los participantes (seis guardianes de la memoria) desde el campo empírico que marcan la cotidianidad de las tradiciones culturales basadas en las relaciones laborales, la soberanía alimentaria, las religiosidades y la samba de roda. Como resultado, destacamos que las tradiciones culturales problematizadas desde el trabajo, la soberanía alimentaria, la oración y la samba son fuertes elementos de resistencia en la comunidad. La cultura y la resistencia están vinculadas a la forma de vida y se desarrollan a través de una sucesión de prácticas de generación en generación. Estos ciclos perpetúan la valorización del origen y la identidad campesina en el espacio-tiempo investigado. La investigación también expresa la posibilidad de reflexionar sobre modos de vida, y cómo las tradiciones comunitarias presentan una dinámica relacional entre lo local y lo global, por lo que las manifestaciones de la cultura campesina no pueden leerse de manera reduccionista como prácticas aisladas de las realidades sociales, Materiales y historia de la existencia.

**Keywords:** Educación rural; Identidad de los sujetos; Cultura.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Provocações do diálogo com guardiões da memória - eixo Identidade, trabalho e soberania alimentar.....	25
<b>Quadro 2-</b> Provocações do diálogo com guardiões da memória - eixo: tradições, religiosidades e samba de roda. ....	26

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> mapa do território do município de Brejões - Bahia.....	20
<b>Figura 2-</b> Guardiã da Memória - Corinta Barbosa Monteiro.....	30
<b>Figura 3-</b> Guardiã da memória - Júlia Maria dos Santos Almeida.....	31
<b>Figura 4-</b> Guardiã da Memória - Juanito dos Santos Almeida.....	32
<b>Figura 5-</b> Guardiã da Memória - Corina Maria dos Santos Santana .....	34
<b>Figura 6-</b> Guardiã da Memória - José Barbosa de Jesus .....	35
<b>Figura 7-</b> Guardiã da Memória- Francisca Almeida Machado Barbosa.....	37
<b>Figura 8-</b> Entrevista com um Guardiã da Memória.....	41
<b>Figura 9-</b> Guardiã da Memória - Corinta Maria Barbosa Monteiro .....	43
<b>Figura 10-</b> Beneficiamento de palhas para a produção de esteiras - comunidade de Mamão do Mato, 2018.....	47
<b>Figura 11-</b> Cultura de benzimento e uma esteira pronta.....	48
<b>Figura 12-</b> Produção de maracujá amarelo - Comunidade de Mamão do Mato - Brejões, 2018. ....	51
<b>Figura 13-</b> Casa de farinha familiar - Comunidade de Mamão do Mato - Brejões, 2020.....	53
<b>Figura 14-</b> Casa de sementes - Comunidade Mamão do Mato - Brejões, 2020. ....	55
<b>Figura 15-</b> Altar da reza - Comunidade de Mamão do Mato - Brejões, 2018.....	57
<b>Figura 16-</b> Casa enfeitada para reza - Comunidade de Mamão do Mato, Brejões, 2018.....	58
<b>Figura 17-</b> Samba de Roda - Comunidade Mamão do Mato, Brejões, 2014.....	59
<b>Figura 18-</b> Livro e cadernos de rezas - Mamão do Mato, Brejões - Bahia (2020).....	61

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
<b>2. SUJEITOS DA PESQUISA: GUARDIÕES E GUARDIÃS DA MEMÓRIA .....</b>	<b>29</b>
<b>3. EDUCAÇÃO DO CAMPO E IDENTIDADE CAMPONESA .....</b>	<b>38</b>
<b>4. O SER CAMPONÊS NA COMUNIDADE DE MAMÃO DO MATO: REFLEXÕES E PERCEPÇÕES DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA.....</b>	<b>44</b>
4.1 IDENTIDADE, TRABALHO E SOBERANIA ALIMENTAR .....	46
4.2 TRADIÇÃO: RELIGIOSIDADES E SAMBA DE RODA .....	57
<b>5. CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar quais as percepções dos *guardiões da memória* sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na comunidade do Mamão do Mato, Brejões – BA. O texto é fruto de reflexões do trabalho de conclusão de curso no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), na Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias, situado no campus da cidade de Amargosa. Também vinculado com a condição de estudante da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias (CFP/UFRB), experiências no grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM / CFP / UFRB), e vivências como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a Diversidade (PIBID - Diversidade).

Em diálogo com o descrito, alimentamos a inquietação e indicamos a importância de trabalhar com a escuta dos guardiões da memória, em especial no sentido de problematizar as tradições culturais e as dinâmicas de resistência que emergem da *Educação do Campo nos territórios*<sup>1</sup>. Trataremos do conceito de cultura camponesa em capítulo posterior. Sobre o termo *tradição*, em diálogo com o objetivo do estudo, aqui adotamos a seguinte definição: *comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração*. Nesse caminho, também indicamos a importância do registro para os moradores e futuras gerações da comunidade, em nossa leitura, trata-se da celebração de um legado cultural.

Como justificativas para realização do trabalho de conclusão de curso, afirmo pessoalmente meu lugar de camponesa e filha de camponeses, sobretudo a condição de morar no campo com seus *modos de vida*, e em uma comunidade da região do semiárido baiano - Mamão do Mato, Brejões.

O conceito de *modo de vida*, apesar de amplamente discutido na literatura internacional, carece de uma maior precisão em termos da sua definição, sobretudo pela pluralidade de significados, dificuldades de interpretação e nuances de compreensão (BRAGA, FIUZA e REMOALDO, 2017). Assim, definimos nosso entendimento do conceito de modo de vida a partir de Brandão (2009), ao dispensar atenção à relação que o global exerce sobre o local. Em seus estudos à construção cultural das escalas espaço-temporais em comunidades rurais, indicam que *os padrões de tempo e espaço construídos em nível local permitiriam aos sujeitos*

---

<sup>1</sup> Ver Fernandes e Molina (2004).

*sociais constroem e recriam o cenário entre a natureza e a cultura, sendo este processo expresso pelos seus modos de vida.*

Ligado a isso, ainda do ponto de vista pessoal, nossos anseios atravessam a dimensão de pensar a trajetória familiar e a comunidade, partindo da escuta gerada de seus antepassados e ancestrais, o que chamamos de guardiões da memória. Esses guardiões tem conhecimento e muita tradição cultural herdada de suas origens, e todas as condições que envolvem os moradores desse contexto nos mobilizaram a pesquisar.

Ao longo do texto, chamamos os entrevistados/sujeitos da pesquisa de *guardiões da memória* por caracterizar esses participantes como importantes referências da comunidade, em especial nos eixos de discussão que a investigação se propõe. Em acordo com Maurice Halbwachs (2006), a dimensão da memória ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo esse autor, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada.

Ressaltamos as experiências que tratam sobre a história e memória de uma comunidade. Investigamos mecanismos de valorização das tradições culturais na comunidade, como forma de garantir a continuidade do legado cultural da identidade camponesa. Partimos de uma relação com estudos sobre Educação do Campo e *identidade camponesa*, e como essas são mobilizadas pelas tradições culturais observadas na dinâmica do modo de vida camponês.

Portanto é desse conjunto de reflexões e anseios, e de uma construção de identidade camponesa valorizada é que o estudo se desdobra. A partir do citado acima nascem o desejo de pesquisar com o objetivo de analisar quais as percepções dos guardiões da memória sobre as tradições culturais e sua influência na produção da identidade camponesa na Comunidade do Mamão do Mato, Brejões - Bahia.

Enfatizo minha origem de guerreiros e guerreiras da Caatinga, desbravadores de conhecimentos, em família, comunidade, natureza e sociedade. Escolhi estudar os guardiões da memória para falar dessas tradições culturais que envolvem minha origem. Ainda como justificativa, a infância e vivência na comunidade de Mamão do Mato está vinculada a relação intensa com a cultura camponesa e suas manifestações, fato considerado de maneira relevante para dinâmica de reconhecimento e riqueza na localidade.

Sou filha de José Barbosa de Deus e Josenilda Santana de Deus e tenho seis irmãos. Sou agricultora familiar, filha de agricultores, tenho dois filhos de sexo masculino, Fabricio de Deus dos Santos e Gabriel Santana Santos, resido na Comunidade Mamão do Mato, que fica às margens da BR 116, em Brejões - Bahia. As pessoas da minha comunidade possuem muitos

saberes populares e, em sua maioria, vivem da agricultura familiar, usufruindo de seu próprio trabalho na roça e de alguns animais de pequeno porte, ali criados, e outros vivem dos trabalhos fora da comunidade e do município.

Outro fator que motiva a produção é a participação no curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias do CFP/UFRB – Campus de Amargosa - BA. As práticas de Tempo Comunidade<sup>2</sup> relacionadas à pesquisa de campo foram determinantes para a produção, em especial uma ação realizada no componente Biologia no segundo semestre do curso (2015.1), onde escolhi fazer uma pesquisa de campo sobre as plantas da região da Caatinga com os seus derivados usos, e o mais importante foram às plantas nativas com o uso medicinal. Outra atividade foi um seminário para a construção da casa de sementes, e aulas teóricas de sala de aula no componente Educação para as Relações Étnico-Raciais no quinto semestre do curso (2017.1). Vivências de fundamental importância no processo, para trabalhar com os guardiões da memória, celebrar essa existência, e homenagear aos mais velhos e ancestrais da Comunidade.

No primeiro semestre e segundo semestre não tinha bolsa, no terceiro semestre fiquei com um auxílio de duração de seis meses para permanência no curso, mobilizado pela Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE/UFRB). Após esse período fiquei vinculada como voluntária ao PIBID Diversidade, logo após me tornei bolsista, que ajudou na permanência.

No Projeto PIBID Diversidade/UFRB tive uma oportunidade única na minha vida, pois percebi que o programa iria proporcionar apoio nos trabalhos acadêmicos. Consegui realizar minhas atividades acadêmicas, mesmo com dificuldades na escrita. Participei muitas atividades na Comunidade de origem, pois este projeto orientava trabalhos da Educação do Campo para além da dimensão da escola. Neste período qual estava participando, realizou-se atividades de escrita de um capítulo de um livro com o enunciado PIBID diversidade na UFRB: os caminhos da iniciação à docência nas escolas do campo (2018). Neste livro, no capítulo 5 com o título: Intervenções e aulas de campo no ensino médio: contribuições do PIBID diversidade/ UFRB na potencialização de atividades que aperfeiçoam o processo de ensino e aprendizagem em uma escola do campo da Bahia, Brasil (TRINDADE, et. al, 2018). E no final do livro foram realizados alguns relatos de experiência, e em um deles compartilhei minha trajetória neste programa.

---

<sup>2</sup> O curso de licenciatura funciona em regime de alternância, com atividades alternando no Tempo Universidade (presenciais no CFP/UFRB) e Tempo Comunidade (ações que envolvem os estudos na universidade com as comunidades dos estudantes).

Essa experiência como bolsista só gerou bons resultados, saliento ainda que a oportunidade de participar do PIBID Diversidade/UFRB é única, e aqui me refiro principalmente ao aspecto acadêmico, sendo que não tinha acompanhamento todo semestre via presencial, um dos desafios da LEDOC (CFP/UFRB), e isso era atenuado pela presença e apoio do supervisor do PIBID, Oziel Trindade.

Como dito anteriormente, as vivências como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a Diversidade (PIBID - Diversidade) foi uma oportunidade única. Nesse processo, ampliei o desenvolvimento da escrita das atividades do Tempo Comunidade, alarguei a interação com outros colegas da educação do campo, com as diferentes realidades de cada uma das PIBIDdianas, e com o professor supervisor local do programa e coordenadores de área. Durante o programa apresentei um trabalho feito por nós e publicado nos Anais do VI Congresso Latino-americano de Agroecologia; X Congresso Brasileiro de Agroecologia; V Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno; realizado em Brasília/DF (2017), com o título: *Casa de farinha e soberania alimentar na Caatinga: Subsistência, cultura e saberes no interior da Bahia* (DE DEUS, et. al, 2018). Participei no programa por um ano e apresentei outro trabalho no período, em Amargosa, com o título: *Pesquisa Etnobiológica na Educação de jovens e adultos: Relato de experiência de uma ação do PIBID/ Diversidade realizada em uma escola rural da Bahia, no evento do PIBID Diversidade e PARFOR/ UFRB*, (MARQUES, et. al, 2017) este trabalho também foi construído no grupo.

Também participei do Programa Residência Pedagógica, proposta de iniciação à docência, onde atuei na Escola Técnica Centro Territorial de Educação Profissional – CETEP Vale do Jiquiriçá, no meu território de origem Vale Jiquiriçá. Acrescento que realizei a escrita de mais dois trabalhos acadêmicos apresentados em Salvador. Um trabalho no Simpósio da Agricultura familiar, intitulado: *Tradições Culturais: Etno-Botânica com plantas nativas da Comunidade Rural do Mamão do Mato Brejões/BA*. O outro intitulado: *Educação do Campo, tradições culturais e resistência na Comunidade do Mamão do Mato, Brejões/BA*. Apresentado no II Encontro Baiano de Educação do Campo, UNEB.

Realizei também períodos de estágios, com registros: *Reflexões do Estágio em Educação do Campo na EJA: problematizando a segurança alimentar e as sementes crioulas; Agroecologia e segurança alimentar: sementes crioulas*. O primeiro estágio no município de origem, e o segundo no Centro Territorial de Educação Profissional- Vale Jiquiriçá (CETEP – Amargosa). Solicitei a dispensa de estágio em espaços não-formais, pois já atuava como presidente da Associação de Produtores na Comunidade de Mamão do Mato, Brejões – BA.

Nossa comunidade foi fonte de entrevista com o programa jornalístico Profissão Repórter da rede globo de televisão, através da UFRB, contemplando experiências de agricultores familiares. A entrevista tinha por objetivo conhecer as atividades desenvolvidas na Comunidade e no meio familiar no Tempo Comunidade das práticas do curso de Licenciatura em Educação do Campo (CFP/UFRB), a partir das atividades desenvolvidas, de oficinas pedagógicas e visitas de campo, representamos assim a LEDOC. A ênfase nas sementes crioulas, produção do plantio de feijão fava, andu e a mandioca, o manejo com porcos e cabras, e o contato com a cultura do samba de roda foram experiências que marcaram o simbolismo do modo de vida do lugar.

Esses estudos e vivências foram cruciais para o Trabalho de Conclusão de Curso. Carrego com apressado as viagens e oficinas pedagógicas, os eventos, as atividades desenvolvidas na comunidade que trouxeram aprendizados, e o trabalho intitulado Educação do Campo e Identidade Camponesa: cultura e resistência na Comunidade de Mamão do Mato, Brejões – BA é fruto desse caminhar. Assim, como questão/preocupação de pesquisa apontamos: *quais as percepções dos guardiões da memória sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na comunidade do Mamão do Mato, Brejões – BA?*

Importante destacar, em diálogo com Matos e Jardimino (2016), que no processo de produção do estudo adotamos a compreensão de *percepção* a partir de:

[...] percepção principalmente como “organização e interpretação de sensações/dados sensoriais” que resultam em uma “consciência de si e do meio ambiente”, como uma “representação dos objetos externos/exteriores”. Destacamos a interpretação como um fator importante: isso significa que não percebemos o mundo diretamente porque a nossa percepção é sempre uma interpretação desse mundo (MATOS E JARDILINO, 2016, p. 27).

Na pesquisa, como afirmamos anteriormente, o objetivo geral busca analisar quais as *percepções* dos guardiões da memória sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na comunidade do Mamão do Mato, Brejões – BA. Partimos da intenção de materializar objetivos específicos que se desdobram em: 1) ponderar a relação entre Educação do Campo, identidade camponesa e tradições culturais; 2) investigar as dimensões de pertença e identidade camponesa na comunidade de Mamão do Mato, Brejões-BA, bem como 3) problematizar as narrativas de sujeitos da pesquisa evidenciando as projeções (passado/presente/futuro) da identidade camponesa a partir das memórias na comunidade de Mamão do Mato, Brejões-BA.

Tratamos de reflexões oriundas da revisão de literatura após um levantamento de textos realizado no portal *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), e livros sobre a temática. Nesse sentido, utilizamos para fundamentação teórica, especialmente as contribuições de

Mônica Molina (2006), Miguel Arroyo (2006; 2009), Carlos Rodrigues Brandão (2007; 2009), Braga, Fiuza e Remoaldo (2017), dentre outros.

A metodologia do estudo está organizada por uma abordagem qualitativa, desenvolvidos por uma adaptação e aproximação a técnica de estudos etnográficos, uma revisão de literatura, com levantamento de textos sobre o tema e entrevista semiestruturadas (LAVILLE e DIONNE, 2007; MATTOS, 2011; MAZZOTTI, 2001). Os instrumentos foram mediados pela técnica de análise de conteúdo (CARLOMAGNO e ROCHA, 2016). Desse modo, buscamos comunicação com sujeitos da pesquisa (seis guardiões da memória) do campo empírico que marcam o cotidiano das tradições culturais que ocorrem a partir dos eixos/categorias (1) *identidade, trabalho e soberania alimentar* e (2) *tradição, religiosidades e samba de roda*.

Importante ressaltar a dimensão dos modos de vida vinculado a parâmetros culturais estabelecidos entre ao meio social em que vivem, sendo compartilhado com pessoas de diferentes lugares, campos, e sobretudo a importância da questão geracional no estudo. Nesse caminho, pensando à análise da relação entre as diferentes práticas cotidianas, trabalho, vida familiar, consumo, lazer e etc. e, às relações que o conjunto dessas práticas cotidianas estabelece com as relações sociais mais gerais, atentamos para o grau de consciência dos atores sobre a condução dos seus destinos, individuais ou coletivos (FIUZA, BRAGA, E REMOALDO, 2017).

Aqui a pesquisa desdobra-se a partir do lugar de produção elaborando maneiras de articular a memória dos sujeitos de modo a abordar a dimensão da construção da realidade social pelo ser humano, com suas características, atitudes e comportamentos. Da mesma forma, em acordo do Lavige e Dionne (2007), na condição de pesquisador/a atentar para a ideia das diversas estratégias produzidas e pensadas em diálogo com os objetivos da produção.

O presente trabalho de conclusão de Curso (TCC) encontra-se estruturado em cinco capítulos. Após a *Introdução* trabalhamos com os *Caminhos metodológicos da pesquisa*, esse capítulo inicialmente faz uma descrição de como percorreu para construir o trabalho, visando o diálogo com os referenciais teóricos, notas sobre a pesquisa qualitativa, aproximadas a esfera de estudar as tradições da comunidade, delimitando reflexões sobre identidade, trabalho, soberania alimentar e as tradições a partir da religiosidade e samba de roda.

O terceiro capítulo *Educação do Campo e Identidade Camponesa* é dedicado a discussão de alguns elementos que envolvem a cultura camponesa, formação humana e social e dimensão de questão agrária, bem como a proposta contra hegemônica da Educação do Campo em luta contra o modelo capitalista de projeto de sociedade. No quarto capítulo *O ser Camponês na Comunidade de Mamão do Mato: Reflexões sobre as experiências dos sujeitos*. Capítulo no

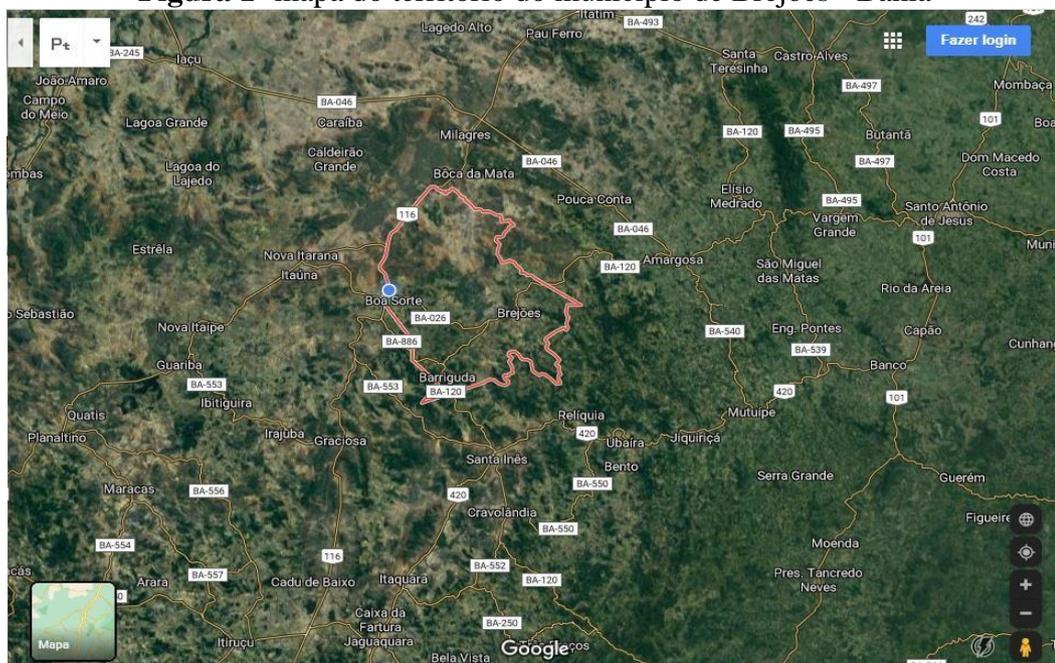
qual, estabelecemos um diálogo sobre as memórias dos guardiões, suas trajetórias e vínculo com a identidade camponesa. Por fim tecemos “*Considerações*” do estudo.

## 1. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta seção indica os caminhos metodológicos, nesse sentido, retomamos o objetivo de analisar quais as percepções dos guardiões da memória sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na comunidade do Mamão do Mato, Brejões – BA. Para tanto realizamos, a partir de abordagem qualitativa e auxílio de instrumentos como a revisão bibliográfica e entrevista semiestruturada, com aproximações ao princípio etnográfico na educação. Mediados pela técnica de análise de conteúdo.

Sobre o campo empírico da investigação, o município de Brejões situa-se em uma região de clima seco e temperado, solos semiáridos e mata-cipó, e que possui maior parte de sua área territorial situada no domínio da Caatinga, ecossistema predominante na comunidade estudada neste trabalho, historicamente os produtores rurais do município cultivam através da agricultura familiar, para sua subsistência e para comercialização dos produtos. Limitando-se com os municípios de Milagres, Ubaíra, Nova Itarana, Santa Inês e Amargosa.

**Figura 1-** mapa do território do município de Brejões - Bahia



FONTE: Google Maps.

O município de Brejões, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE, a população é de aproximadamente 14.282 pessoas distribuídas numa área territorial que corresponde 480,

833 Km<sup>2</sup>. De acordo com ALVES (2018) 4.937 pessoas (43,56%) vivem na área Urbana, enquanto 9.345 pessoas (65,43 %) residem no campo (IBGE, 2010). Essa população rural mora e vive, e sobrevivem nas comunidades rurais distribuídas pelo município de Brejões. No momento o registro é de forte predominância da agricultura familiar em suas terras herdadas, passados de geração para geração.

Nesse caminho, Alves (2018) indica que a questão agrária no município de Brejões é caracterizada por grandes extensões de terras nas mãos dos latifundiários, grandes fazendeiros, que até no final do século XX organizava a produção a partir da monocultura do café. No entanto, atualmente a produção do café expressa uma redução considerável. Contudo, a produção que dá subsistência ao município e a principal fonte socioeconômica é o café como monocultura do município e a agricultura familiar, sendo assim a produção da mandioca, milho, feijão, maracujá amarelo e horticultura.

Observando a leitura num plano territorial (2017), a concentração fundiária ainda é agravada em virtude dos limites territoriais municipais, sendo esse principalmente Brejões que se caracteriza um município pequeno, mas que a concentração fundiária está nas mãos dos latifundiários e tem a necessidade de os Agricultores familiares trabalharem para tirar sua fonte de subsistência.

Segundo os dados do plano territorial (2017) a concentração fundiária está em todo o território do Vale do Jequiriçá, no estado e Brasil, no entanto tais municípios como Brejões segue a característica dos demais localizados na maior parte da região semiárida de alta concentração fundiária.

Considerando o contexto, a intenção de pesquisa é de realizar as entrevistas com os sujeitos da memória da própria comunidade, o que chamamos de guardiões da memória. Buscamos escutar os sujeitos (seis guardiões da memória) que marcam o cotidiano das tradições culturais que ocorrem a partir dos eixos (1) *identidade, trabalho e soberania alimentar* (2) *tradições, religiosidades e samba de roda*. Os relatos de memória nessa comunidade foram gravados, transcritos e analisados a partir da escuta dos sujeitos e de um roteiro semiestruturado.

Também realizamos um passo a passo da investigação descrito com preparação e planejamento inicial, reunião com os guardiões da memória e explicar como seria a pesquisa, revisão de literatura, conversa com os guardiões para apresentação dos guardiões no trabalho, registros fotográficos e vídeos, visitas em campo para a pesquisa, planejamento das visitas, entrevistas, análise e discussão com os dados para a produção do texto monográfico. Este estudo enfatiza a comunidade estudada e problematiza a importância que se tem as ações cotidianas de

trabalho, soberania alimentar (a casa de farinha e sementes crioulas), as tradições religiosas (Rezas) o samba de roda, e suas implicações na identidade camponesa.

Dessa maneira, o método constitui-se como base. Sua composição abarca normas e técnicas que nos aproximam da pesquisa e permitem efetivar uma análise rigorosa e detalhada. Nas normas e técnicas para se alcançar o alvo é preciso usar as práticas adotadas na educação, para que a pesquisadora chegue a um conhecimento baseado nos princípios da ciência, e de sua interpretação no cotidiano.

Portanto um método, é um conhecimento praticado na educação, é uma forma do plano ao atingir a pesquisa em seus caminhos. Percebe-se que o método uma razão do que os sujeitos definem sua pesquisa, na qual realmente é sua preocupação e um conjunto de ideias para se elaborar o estudo. De acordo com Laville e Dionne (1999) pretende-se afirmar que é mais a aplicação de métodos e a construção pessoais do saber, que servirão na continuação das aprendizagens para o conhecimento, do que a simples lembrança daquilo que acaba de ser visto. Segundo a autoria citada, método científico é nada mais do que o estudo metódico, modo de agir para certo resultado e consequente dos métodos empregados nas ciências das técnicas, buscando seus objetivos para alcançá-los, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas. Na observação do método da pesquisa toda a construção da educação pode se buscar vários conjuntos para dá o resultado esperado, dentro da pesquisa para proceder ao caminho da investigação.

Na dinâmica de pensar a Educação do Campo dentro da comunidade de Mamão do Mato – Brejões, para a valorização desta identidade camponesa, estão atrelados a possibilidade de refletir elementos para garantir a continuidade do legado cultural da identidade camponesa. Como afirmamos acima, partimos da inquietação e compreensão do método articulado a dimensão da pesquisa qualitativa.

Portanto, buscamos as discussões teórico-metodológicas sobre pesquisa qualitativa como fundamentação do caminho. Mazzotti (2001) afirma a importância dessa busca ao destacar que as deficiências em estudos da educação, *são decorrentes e realimentadas da pobreza teórico-metodológica apontada nas pesquisas em educação.*

Os projetos de pesquisa estão cada vez mais ainda preocupados no modo de se pensar o problema da pesquisa, pensando na forma de considerar a produção do conhecimento científico e teórico, para que não tenha a ausência de demonstrações nos resultados obtidos na abordagem qualitativa. Nesses casos, a impressão que se tem é a de que o conhecimento sobre o problema começou e terminou com aquela investigação, configurado uma espécie de “narcisismo investigativo” (ALVESMAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 1999).

De acordo com Mazzotti (2001) quando falam em diálogo, conversas, faz-se referência a comparação e a crítica que explicitam a necessidade e pertinência do estudo proposto, e, ao seu final, esses procedimentos são de necessidade no texto onde apontam corroborações e discordâncias entre os resultados obtidos e os estudos anteriores. Essa afirmação da autora, marcada também pela intenção de rigor na investigação, são formas necessárias para o desempenho do desenvolvimento da pesquisa qualitativa.

Para todas as suposições do sujeito na educação buscamos na aproximação a princípios e elementos da pesquisa etnográfica uma forma adequada de proceder com o estudo. Segundo Fonseca (1999) por envolver um pequeno número de sujeitos e por insistir no contato pessoal do pesquisador com eles, o método etnográfico proporciona o estudo pautado em compreender o diálogo com a subjetividade, sem cair na “sacralização do indivíduo”.

O diálogo com princípios etnográfico na educação, em contexto geral, é um desafio muito grande, em especial na organização das categorias, dimensões e relações sociais. Esse movimento requer compreensão das variáveis do campo de estudo, diferente de estudos e pesquisas onde as próprias teorias podem agir de forma refratária. Assim, adotamos a pesquisa qualitativa como um método de investigação científica que se estrutura no caráter particular do objeto analisando, entendendo os limites e possibilidades de um estudo que envolve os sujeitos.

Segundo Mattos:

[...] etnografia implica em: 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS, 2011, p. 49)

Comprendemos que a etnografia é realizada por antropólogos. Baseado na citação, cabe informar de nossa aproximação com a etnografia e a adaptação de alguns elementos ao estudo em curso, em especial a compreensão de que, *o interesse no local e no particular está inerentemente conectado com o interesse no geral e universal* (MATTOS, 2011), bem como, em nosso caminho, utilizamos a observação participante, utilização de caderno de campo e de entrevista semiestruturada articulada com os princípios de profundidade da técnica.

Ainda sobre etnografia e o estudo em curso, importante avaliar que:

Na pesquisa etnográfica a especificidade das ações, as perspectivas e significado dos atores sociais são consideradas. O grupo de maior incidência de interesse como participantes nesta abordagem de pesquisa, são como já consideramos, pessoas diferentes, portanto, passíveis de serem desprezadas em outras abordagens de pesquisa por não constituírem um padrão determinado e validável para generalizações para o todo da sociedade (MATTOS, 2011, p. 67).

Neste sentido acredita-se que se configura a relação cotidiana com a cultura do campo como espaço formativo e de aprendizagem. Para tanto, pensar a dimensão dos processos de formação dos sujeitos é necessário. As variáveis do campo mencionadas podem ser construídas de forma que as culturas se redefinam, se alteram, nas relações sociais e configurações desses sujeitos. Nesse sentido, contrapondo uma visão de atraso no cotidiano camponês, para Arroyo (2008) *a cultura do campo sempre foi uma cultura de inovações tecnológicas, pela própria dinâmica da produção.*

A pesquisa busca, na produção de dados por meio da entrevista, perceber como os sujeitos constroem a identificação do sentido na realidade coletiva e também individuais, pensado em cruzar as experiências dos guardiões. Para Fraser, et al (2004) na pesquisa científica, a entrevista utilizada principalmente como fonte de produção de dados. Para o uso dessas atividades técnicas, uma entrevista de campo ela se constrói com perspectiva qualitativa de ação dos sujeitos. Na pesquisa qualitativa tem por fundamento um contexto para que entenda toda flexibilidade do entrevistado para que se sinta uma autoconfiança com melhor compreensão da pesquisa tendo visto que o entrevistado tem um papel ativo na construção da interpretação do pesquisador.

Ainda para os autores Fraser et al, 2004) a entrevista, ao privilegiar a fala dos sujeitos sociais, permite atingir um grau, de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio comunicação, de discursos. Portanto a fala do sujeito como entrevistado é o caminho que se viabiliza a cada opinião dos autores e que se sente acessível à pesquisa.

Deste modo, para Fraser et al. (2004), a entrevista permite ao interlocutor uma fala do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistado para que se tenha um discurso compartilhado. Na pesquisa estruturada conforme as leituras e treinamentos com o leitor é vital compreender as diferenças de cada análise. Para desenvolver a técnica de entrevista e suas especificidades em uma investigação qualitativa é importante ater-se a estrutura e objetivos, o papel do diálogo entre entrevistador e dos entrevistados, em especial a escolha dos guardiões da pesquisa.

Em relação à modalidade da entrevista a ser usada no espaço empírico e a abordagem semiestruturada com uma visualização de reações faciais e sensações.

Para os autores Fraser et al. (2004) a limitações das opções de respostas será para facilitar o planejamento das condições experimentais e do tratamento estatístico dos dados onde as ações são de especificidade de integração.

A estrutura das questões está em diálogo com os eixos/categorias do estudo, descritas a partir do quadro abaixo:

**Quadro 1-** Provocações do diálogo com guardiões da memória - eixo Identidade, trabalho e soberania alimentar.

<p align="center"><b>PROVOCAÇÕES/EIXOS/CATEGORIAS</b> <b>IDENTIDADE, TRABALHO E SOBERANIA</b> <b>ALIMENTAR</b></p>	<p align="center"><b>OBJETIVOS</b></p>
<p>1) QUAL SEU NOME COMPLETO?</p> <p>2) QUAL A SUA FORMAÇÃO (SÉRIE, ANO)?</p> <p>3) COMENTE UM POUCO SOBRE SUA TRAJETÓRIA COM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO (COISAS QUE CONSIDERA IMPORTANTE E DIFICULDADES).</p> <p>4) QUANTO TEMPO RESIDE NA COMUNIDADE?</p> <p>5) VOCÊ GOSTA DE MORAR NO CAMPO? COMENTE</p> <p>6) QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A COMUNIDADE? COMENTE</p> <p>7) QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENFRENTA NA COMUNIDADE? COMENTE</p> <p>8) QUAL A PRINCIPAL FONTE DE RENDA DE SUA FAMÍLIA? TRABALHOU E TRABALHA EM QUE AO LONGO DE SUA HISTÓRIA NA COMUNIDADE?</p> <p>9) QUAIS AS PLANTAS QUE CULTIVA NA COMUNIDADE?</p> <p>10) GOSTA DE ARMAZENAR SEMENTES</p>	<p>Ponderar a relação entre Educação do Campo, identidade camponesa e tradições culturais;</p> <p>Investigar as dimensões de pertença e identidade camponesa na comunidade de Mamão do Mato, Brejões – BA</p> <p>Problematizar as narrativas de sujeitos da pesquisa evidenciando as projeções (passado/presente/futuro) da identidade camponesa a partir das memórias na comunidade de Mamão do Mato, Brejões - BA.</p>

<p>CRIOULAS?</p> <p>11) COMO ARMAZENAVA AS SEMENTES ANTIGAMENTE, E COMO ARMAZENA HOJE? FAVOR COMENTE</p> <p>12) TEM CRIAÇÃO DE ANIMAIS? QUAIS? COMO ORGANIZA A CRIAÇÃO DE ANIMAIS?</p> <p>13) NA COMUNIDADE EXISTE ALGUMA FORMA DE ORGANIZAÇÃO COLETIVA? TRABALHO EM MULTIRÃO? ASSOCIAÇÃO? COOPERATIVA? ALGO QUE QUEIRA COMENTAR SOBRE ISSO?</p> <p>14) PARA CONCLUIR. FALE UM POUCO DA COMUNIDADE DE MAMÃO DO MATO DE ANTIGAMENTE E DE HOJE?</p> <p>15) ALGO QUE QUEIRA COMPLEMENTAR APÓS ESSA CONVERSA?</p>	
---	--

FONTE: Mariana Santana de Deus (2020).

**Quadro 2-** Provocações do diálogo com guardiões da memória - eixo: tradições, religiosidades e samba de roda.

PROVOCAÇÕES/EIXOS/CATEGORIAS	OBJETIVOS
<p><b>TRADIÇÕES, RELIGIOSIDADES E SAMBA DE RODA.</b></p>	
<p>1) QUAL SEU NOME COMPLETO?</p> <p>2) QUAL A SUA FORMAÇÃO (SÉRIE, ANO)?</p> <p>3) COMENTE UM POUCO SOBRE SUA TRAJETÓRIA COM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO (COISAS QUE CONSIDERA IMPORTANTE E DIFICULDADES).</p> <p>4) QUANTO TEMPO RESIDE NA COMUNIDADE?</p> <p>5) VOCÊ GOSTA DE MORAR NO CAMPO? COMENTE</p> <p>6) QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A COMUNIDADE? COMENTE</p> <p>7) QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENFRENTA NA COMUNIDADE? COMENTE</p>	<p>Ponderar a relação entre Educação do Campo, identidade camponesa e tradições culturais;</p> <p>Investigar as dimensões de pertença e identidade camponesa na comunidade de Mamão do Mato, Brejões – BA</p>

- 8) O QUE ACHA DAS REZAS E SAMBAS DE RODA REALIZADOS NA COMUNIDADE? COMENTE
- 9) FALE UM POUCO SOBRE SUA VIDA, PRINCIPALMENTE O QUE LEVOU A FAZER A REZA?
- 10) PARA VOCÊ, O QUE É MAIS FORTE NA REZA, QUAL SÍMBOLO QUE TEM NA REZA QUE MAIS GOSTA E ACHA MAIS IMPORTANTE? COMENTE. DESCREVA.
- 11) O QUE ACHA DA PARTICIPAÇÃO DE FAMILIARES, AMIGOS, E TODA A COMUNIDADE PARA O FESTEJO DA REZA?
- 12) COMO VOCÊ APRENDEU A REZAR E FAZER OS SAMBAS DE RODA? COMENTE COMO SE DÁ A ORGANIZAÇÃO DESSA TRADIÇÃO NA COMUNIDADE.
- 13) O QUE DESTACA NO SAMBA DE RODA? QUANTO TEMPO TEM O SAMBA NA COMUNIDADE? COMENTE.
- 14) VOCÊ JÁ PENSOU EM UM TEMPO ONDE ACABE ESSA TRADIÇÃO NA COMUNIDADE (REZA E SAMBA)? COMENTE.
- 15) PARA CONCLUIR. FALE UM POUCO DA COMUNIDADE DE MAMÃO DO MATO DE ANTIGAMENTE E DE HOJE?
- 16) ALGO QUE QUEIRA COMPLEMENTAR APÓS ESSA CONVERSA?

Problematizar as narrativas de sujeitos da pesquisa evidenciando as projeções (passado/presente/futuro) da identidade camponesa a partir das memórias na comunidade de Mamão do Mato, Brejões - BA.

**FONTE:** Mariana Santana de Deus (2020).

Os quadros acima servem como orientação a proposta semiestruturada, foram elaborados pela pesquisadora durante as observações participantes, e estão atrelados aos objetivos da investigação. Em diálogo com Fraser (2004), no sentido de atingir estes objetivos, a prática da entrevistadora assume um papel menos diretivo para favorecer a conversa mais aberta com entrevistados/as e fazer emergir novos aspectos significativos sobre o tema.

Em relação aos caminhos desse processo, os relatos de memória na Comunidade de Mamão do Mato – Brejões - foram registrados em caderno de campo, dialogando com elementos da etnografia, em especial a prática de observação participante.

Outros momentos foram gravados, transcritos e analisados a partir da escuta dos sujeitos, orientados por um roteiro semiestruturado.

Assim sendo, a pesquisa mostrou informações importantes e considerações de demarcações dos modos de vida e da identidade camponesa do lugar. As entrevistas foram dialógicas, compreendendo dinâmicas próprias de cada um dos/as entrevistados/as. Explicamos aos guardiões da memória os objetivos da investigação. Os sujeitos permitiram a utilização dos seus nomes e imagens por meio de assinatura de termo de livre consentimento. O acordo contemplou princípios éticos negociados.

Deste modo, para o reconhecimento da palavra dita que trabalha a tradições orais sobre a preservação da sabedoria dos ancestrais, segundo autor Vansina (2010, p.139) “a tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra”. Para pensar a história oral é, portanto, aprender escutar, refletir e aprender o significado dirigido para compreensão das palavras, grandes números e grande escrita. Ainda para o autor, podem-se construir argumentos históricos sobre as palavras e não apenas sobre o sentido geral da mensagem

Assim procedemos com a análise qualitativa de dados da entrevista. Dentro da abordagem qualitativa nos procedimentos metodológicos nem tudo ocorreu, conforme a pesquisa inicial aponta, pois em todo momento haverá caminhos alternativos para essa realidade da pesquisa. No caminho da interpretação, salientamos a sistematização das falas dos guardiões da memória, no sentido de avivar a análise das questões da realidade, pressuposta em diálogo com a abordagem conceitual, da forma de compreender, explicar e explanar sobre o objetivo do estudo.

Nesse caminho, para realizar uma pesquisa deve-se preocupar com a interpretação dos dados produzidos na investigação. Nossa escolha foi trabalhar com a análise de conteúdo. Paraphrasing os autores Carlomagno e Rocha (2016) análise de conteúdo se destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos.

Vale ressaltar que, mediante a essa leitura, em termos de categorização, elencamos a escuta dos sujeitos (seis guardiões da memória) que marcam o cotidiano das tradições culturais a partir das ações que dialogam com a categorização de: (1) trabalho de soberania alimentar (2) tradições, religiosidades e samba de roda.

Ainda em acordo com Carlomagno e Rocha (2016), atentamos que a classificação objetiva, tende a contribuir com a dinâmica de sistematizar os aspectos desta metodologia utilizando a técnica de análise de conteúdo.

Por fim, após as descrições acima, atentamos que a escolha criteriosa dos participantes é fundamental para resultados da pesquisa, na medida em que afeta a qualidade das informações

obtidas e a validade da própria pesquisa (GASKELL, 2013). Aqui, observamos as especificidades da área da Educação do Campo, como cerne da escolha as demandas/atuação e escuta dos sujeitos aproximados ao objetivo da pesquisa, em especial a vinculação as tradições culturais e os eixos destacados.

## **2. SUJEITOS DA PESQUISA: GUARDIÕES E GUARDIÃS DA MEMÓRIA**

Para entender a memória coletiva, é preciso entender memória de grupo recordando e vivendo as atividades em comum dos membros do grupo e como se identifica, onde estão carregadas em suas memórias em meios sociais, na qual “ainda se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vivemos” (WALBWACHS, 2006, p.30).

Concordando com Walbwachs no instante de escolher os guardiões da memória da comunidade de Mamão do Mato. Assim:

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantendo com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p.69).

Deste modo, discutir memória a partir do campo empírico de pesquisa, mesmo partindo de entrevistas individuais, concerne como construção coletiva de tradições da Comunidade, com influências internas e externas. Portanto, a pesquisa analisa o jogo entre presente, passado e futuro a partir das possibilidades de recordar e contextualizar.

Segundo Leal (2010) pensando na possibilidade da memória para recordar ou não situações no momento, o que aquele fato significou para você naquela época, pode contextualizá-lo melhor e fazer com que você se lembre com mais clareza do acontecimento.

A escolha das guardiãs e guardiões da memória foi realizada e teve seu principal critério em acordo com aproximação e sentido de cada eixo escolhido, (1) trabalho de soberania alimentar (2) tradições, religiosidades e samba de roda. Importante dizer que, como pesquisadora do lugar implicada política e afetivamente, na dinâmica da escolha dos participantes, as lideranças escolhidas apresentavam relação e grau de parentesco, elemento que favoreceu a dinâmica de articulação e escuta. Compreendemos, como pesquisadora, os desafios de aproximação e distanciamento necessário para produzir as reflexões que seguem.

Portanto dentro da memória de sociedade pode-se afirmar a vontade de quem estuda para uma comunidade de destino, se aprofundar na intenção dos vínculos vividos pelos sujeitos

da pesquisa. Assim, passamos a apresentar os guardiões da memória, sujeitos da pesquisa. Os textos são descritos pelos próprios guardiões e guardiãs.

**Figura 2-** Guardiã da Memória - Corinta Barbosa Monteiro



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (26/04/2020).

Meu nome é Corinta Maria Barbosa Monteiro, tenho 90 anos, sou brasileira, viúva. No entanto minha família é composta de 13 filhos, 38 netos, e 27 bisnetos. Já trabalhei muito na agricultura, filha de agricultores e resido em um pequeno município baiano denominado Brejões, da Comunidade Mamão do Mato.

A comunidade é formada por cerca de vinte e cinco famílias, onde a produção é agrícola e pecuária de animais de pequeno porte. Sou filha do município de Amargosa da Comunidade Rural do Julião. Eu estudei até a segunda série, mas conheço as letras e sei ler, sou alfabetizada, mas hoje em dia não tenho mais a visão boa, porque tenho doença do glaucoma, mas antes eu fazia leitura da bíblia, e, infelizmente não consegui continuar os estudos, porque eu tinha que trabalhar e meus pais não tinham condição de sustentar para viver na cidade para continuar os estudos.

Quando possuir minha família morei primeiro numa comunidade próximo a essa na mesma região da caatinga, na Comunidade Pascoal e depois de algum tempo meu esposo, que hoje é falecido, comprou um terreno no Mamão do Mato, foi ai que fui continuando a dar à luz aos meus filhos, e no começo minha casa era de palha de licuri, mas depois fizemos juntos com meus filhos e amigos outra casa de tijolos de barro qual morro até os dias de hoje.

Ajudei a criar também alguns netos, meu terreiro era espaço de brincadeiras dos meus netos, com as brincadeiras de antigamente, cantigas de rodas, esconderem cipó, boca de forno, sete caco, balanço, amarelinha, piculinha, brincar de se esconder, hoje em dia as crianças brincam de algumas brincadeiras dessas, mas estão se perdendo ao longo do tempo.

Foi difícil criar esses 13 filhos, porque na época as coisas eram mais difíceis, não tinha as políticas [públicas] que tem hoje em dia. Chegava época que eu passava muitas dificuldades pra ter as coisas, como roupas, calçados, alimentos. Mas eu e meu falecido esposo, quando era época de chuva aproveitava para fazer plantação, de abóbora, milho, batata, feijão, mandioca, aipim, mangalô, fava, andu, e dentre outros e também na época criava muitos animais, galinha, porcos, cabras, então guardava essas comidas para os tempos de estiagem, a carne colocava no sol ou no fumeiro para secar e guardar e os alimentos de grãos colocavam pra secar no sol e guardava nas cabaças.

As festas da comunidade são as Rezas de alguns Santos, é o Cantado de Reis, e a Festa do Padroeiro e as festas do São João. A semana Santa ela é festejada em família, é onde os parentes se organizam para almoçar juntos, fazer orações, a Comunidade se organiza pra fazer o tríduo que é três dias rezando, no dia de sexta feira os mais velhos recebem a bênção, aí quem vai receber a bênção se ajoelha e fala louvado seja nosso senhor Jesus Cristo... bênção. Acontecem na quaresma o almoço com algumas comidas como o vatapá, caruru, e dentre outras e nesses dias as famílias confraternizam todos juntos. Na época do São João as pessoas acendem fogueiras e confraternizam nas casas com bebidas e comida típicas da região.

**Figura 3-** Guardiã da memória - Júlia Maria dos Santos Almeida



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (04/01/2019).

Eu sou Júlia Maria dos Santos Almeida tenho sessenta e dois anos e sou casada há 30 anos. Moro na Comunidade do Mamão do Mato há 56 anos, pois não moro aqui desde quando nasci. Sou filha do município do Jiquiriçá, da Comunidade Rural do Rio do Braço, do mesmo território do Vale Jiquiriçá. E quando completei cinco anos de idade meus pais vieram morar na Comunidade onde moro até hoje. Tenho uma filha e duas netinhas. Aqui buscamos o olhar diante da educação familiar, tenho ensinado a minha filha a trabalhar desde criança, jovem, pois, ajudavam muito nos afazeres de casa e também na colheita do andu, e muita das vezes na casa de farinha. Nos dias atuais sou aposentada e fico com minhas netas, isso para minha filha trabalhar. Ainda na labuta com animais de pequeno porte e com as atividades de campo para ajudar na alimentação saudável de casa. Desenvolvo alguns tipos de artesanatos também.

Com experiência relacionada à cultura da comunidade, eu faço a celebração dos festejos das Rezas junto com minha irmã. Falando na produção da cultura inclusive a reza da minha casa é tradição no dia 11 de outubro. A reza é oferecida para nossa senhora Aparecida e São Cosme e Damião. O festejo da reza começa desde seis horas da manhã soltando foguetes, arrumando toda a casa e a fogueira, e a noite é toda para a dedicação da festa.

Estudei até a quinta série, não terminei meus estudos porque na época meus pais, nos colocavam para trabalhar onde adquiria o pão de cada dia. O que eu faço para continuar o legado cultural pertencente da Comunidade é todo ano convidar o povo da comunidade e familiares e de outras regiões e amigos para que participe dos festejos.

Neste espaço onde as pessoas se reúnem para o festejo, existem elementos de saberes que expressa o local da experiência nos cantos, comidas, flores, enfeites com papel colorido, onde existe uma atividade coletiva. No mesmo dia que ocorre a reza, eu estou com o caderno com as ladainhas escritas fazendo a leitura cantada da Reza os povos estão sentados e principalmente nas esteiras de palha de licuri, respondendo a oração.

Percebo que falar sobre as rezas é de muita valia na minha comunidade e na minha casa, pois traz comigo muita importância para mostrar os mais novos o que a comunidade tem de culturas que formam passadas de geração para geração. Entendo que dar visibilidade as tradições deixadas pelos mais velhos é muito importante para os mais novos, porque nesses espaços também se aprende e educam nossos filhos e as gerações, valorizando as tradições do sertão e da religiosidade popular local desta Comunidade.

**Figura 4-** Guardiã da Memória - Juanito dos Santos Almeida



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (05/03/2020).

Eu sou Juanito dos Santos Almeida, tenho cinquenta e oito anos, moro na Comunidade a trinta e oito anos, não sou filho desta Comunidade mais sou da mesma região da Caatinga de Brejões de uma zona rural vizinha, conhecida como os Vãos.

Tenho quatro filhos, e moro com minha esposa e tenho três netos. Sou agricultor e filho de agricultores, trabalho na minha propriedade durante todos esses anos. Trabalhei muito na casa de farinha manual, essa casa de farinha era do meu sogro, que já chegou de nós fazermos farinha de ficar até três dias na casa de farinha, para ser usada no consumo e para venda, e até mesmo troca de diária do trabalho na casa de farinha, fazíamos beiju para se alimentar.

Nós trabalhávamos todos juntos eu e minha família, nós já plantamos muitas manivas, a produção maior aqui no Mamão do Mato antes era a produção da farinha, onde todos da Comunidade se organizavam para ajudar a raspar mandioca. Hoje em dia o que eu ensinei a meus filhos foi aprender a trabalhar na roça, hoje em dia meus filhos estão tudo trabalhando fora porque a família cresceu não tem terra o suficiente para trabalhar... e hoje em dia tem mais oportunidade de emprego, e se estivesse como trabalhar na roça todo mundo, além de não ter terra o suficiente, mais também não tem água em abundância, para maior produção agrícola. Mas mesmo com eles não morando na mesma propriedade, eles não deixam de nos visitar e passar festa e férias de trabalho aqui.

Hoje em dia trabalho com a agricultura, mas não é com a mandioca e sim com outras culturas, abóbora, melancia, maracujá amarelo, goiaba, milho, feijão de corda, andu, fava, mangalô, aipim e trabalho com hortaliça, porque tenho uma cisterna de produção de cinquenta e dois mil litros de água que recebi do programa mais água feita por uma ONG. A venda dos produtos é na feira livre do município de Brejões no distrito do km 100, Serrana, e também no

município de Milagres e muitas das vezes no município de Amargosa, e também faço entrega ao PAA, (Programa de Aquisição de Alimentos).

Estudei pouco, mais sou alfabetizado, na época não estudei mais porque tinha que trabalhar para se alimentar e ajudar meus pais. Mas meus filhos conseguiram concluir o Ensino Médio completo. Na comunidade participo da Associação desde quando fundou, sou sócio desta entidade e também já fui membro.

Com minha experiência de vivência na minha Comunidade, participo das atividades festivas e também ajudo as pessoas na época da colheita do andu para a debulha. A partir de todas essas experiências vinculadas à família e Comunidade sinto me sinto satisfeito como pessoa, que fiz a diferença nos caminhos percorridos, como mudança, e olhar com respeito aos moradores, e também a natureza. Tive dedicação para criar meus filhos para um bom caminho.

**Figura 5-** Guardiã da Memória - Corina Maria dos Santos Santana



**Fonte:** Mariana Santana de Deus (30/01/2020).

Meu nome é Corina Maria dos Santos Santana, brasileira, viúva, trabalhei muito na agricultura, sou filha de agricultores e fui agricultora. Hoje sou aposentada, tenho sete filhos. Moro na Comunidade Mamão do Mato. Tenho vivência nesta Comunidade a mais de 50 anos, eu sou filha do município de Jiquiriçá da zona rural do Rio do Braço. Já trabalhei muito com meus pais, hoje em dia eu não aguento mais trabalhar na roça, mas gosto muito da terra, pois é dela que tiramos o nosso alimento.

Convivo na minha propriedade, o terreno que meus pais deram, e nos dias atuais alguns dos meus filhos fizeram casas e plantam algumas culturas na propriedade, como feijão, milho,

abóbora, palma, andu. Já trabalhei muito na casa de farinha artesanal dos meus pais. Meus pais desde sempre orientaram boas práticas de incentivo ao campo para não precisar sair para as cidades grandes, que era dali que nós tirávamos o próprio sustento da família e até mesmo para criar meus filhos.

Eu não terminei meus estudos, por que na época, também tinha que escolher: ou escola ou trabalhar pra se alimentar. Mas meus filhos e netos tiveram a oportunidade de estudar porque os dias de oportunidade melhoraram, porque as coisas antes eram mais difíceis, hoje tenho filha que fez o Curso Técnico em Enfermagem e está fazendo a Graduação em Serviço Social e minha neta mais velha está Concluindo o Curso de Técnico em Enfermagem também.

Nossa comunidade tem a cultura forte nos samba de roda, as rezas, o cantado do Reis. Eu faço a Reza todo ano no dia 01 de novembro, para todos os Santos, principalmente para São Cosme e Damião, e Santa Bárbara. O que eu faço para não perder essa tradição das Rezas é todo ano convidar o povo da Comunidade, dos municípios vizinhos, e toda minha família. Mas hoje em dia eu tenho uma filha que tem o caderno de todas as ladainhas que já sabe rezar, e quando faz a reza, todos que estão na sala respondem junto com ela. É importante que continuem esses saberes das tradições culturais existente aqui na região, como espaço de formar as crianças que estão chegando e que conheçam essa tradição que tem na Comunidade.

**Figura 6-** Guardiã da Memória - José Barbosa de Jesus



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (04/01/2019).

Meu nome é José Barbosa de Deus, agricultor familiar, e tenho cinquenta e oito anos. Tenho sete filhos, e resido na Comunidade Mamão do Mato em Brejões-BA. Sou casado com uma mulher de outro município de Milagres, mas convive comigo até os dias de hoje. Portanto trabalho na propriedade de minha mãe, como herdeiro desta propriedade, e trabalho desde adolescente. Nesta oportunidade venho dizer que ensinei meus filhos trabalhar para ajudar na condição financeira da família e como educação familiar.

A Comunidade possui muitos saberes populares, tradicional aqui nesta localidade, em sua maioria vivem da agricultura familiar, usufruindo da produção do seu próprio trabalho do campo, e de alguns animais de pequeno porte, como galinha, cabra, suínos, e trabalho referente às empresas de fora da região, mais esses que trabalham quando tem oportunidade no final de semana está na Comunidade. A região é semiárida de característica da Caatinga brejoense, que fazem parte dos povos sertanejos do campo... verdadeiros guerreiros da seca.

Tenho experiência de liderança comunitária onde fui o primeiro Presidente da Associação dos Produtores do Recreio dos Viajantes e Mamão do Mato na zona rural de Brejões, eleito no ano de 1996, faço parte de eventos religiosos do samba de Roda, as Rezas, e das missas e o cantado de Reis e atividades como mutirões, Festa Junina, e festa de final de ano. Participo até hoje das atividades da Associação. Já fiz entrega ao PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), e trabalho com vendas de produtos da agricultura familiar nas feiras livres nos municípios vizinhos e também no município de origem, produtos alimentícios do meu próprio trabalho com a terra. Estudei até a terceira série, na época foi um órgão do governo que era o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), não estudei mais porque na época meus pais não tinham condição de colocar em outra escola pra terminar o Ensino Fundamental nos anos iniciais, e na época tinha que trabalhar com eles para sustentar a família.

Entendo que morar no Mamão do Mato traz comigo experiência de vida de um ser humano social e de comprometimento com as futuras gerações, passadas de pais para filhos, como trabalhar na roça, e com animais. Digo aqui que atividade relacionada ao campo é de formação humana e social. Digo mais, uma vez que não estudei mais, porque não tiveram oportunidades e condição financeira, mais meus filhos conseguiram terminar o Ensino Médio, uma filha fez o Tecnólogo em Recurso Humano e outra filha conseguiu a oportunidade de entrar na Universidade Federal do Recôncavo Baiano, fazendo o Curso de Graduação e Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciência Agrária. Quanto a respeito por morar nessa Comunidade sinto-me satisfeito que não aprendi tudo, porém passei um pouco de experiência vivida para meus filhos e netos e pessoas que rodeia minha vida.

**Figura 7-** Guardiã da Memória- Francisca Almeida Machado Barbosa



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (04/02/2019).

Eu sou Francisca Almeida Machado Barbosa, sou casada há 59 anos, brasileira, tenho 78 anos de idade, tive 15 filhos, e morro na Comunidade há 60 anos no Mamão do Mato, que fica no município de Brejões - BA.

A comunidade é formada por cerca de vinte e cinco famílias, onde a produção é agrícola e pecuária de animais de pequeno porte. No entanto não sou filha desta comunidade, sou do município vizinho de Nova Itarana, pertencente a uma zona rural chamada Fazenda Xavier.

Eu não tive estudo, comecei a cartilha do ABC, mais meu pai não queria que eu estudasse para não aprender a escrever bilhete para namorado. Meus filhos, alguns conseguiram concluir o Ensino Fundamental e outros o Ensino Médio, que conseguiu pagar uma faculdade para a profissão de Pedagogia. E criei uma neta que hoje em dia é formada na faculdade, hoje em dia trabalha no município pela prefeitura em uma escola.

Meus pais eram agricultores, eu também sou agricultora. Trabalhei muito na lavoura para criar meus filhos, hoje em dia vou à roça para não ficar às vezes parada dentro de casa porque gosto de estar com a mão e pés na terra, mais também, quando estou dentro de casa trabalho... faço esteiras e chapéu de palha do licuri e liquirioba. Faço para a venda e de encomenda que não dou conta de tantos pedidos, e faço também para o uso. Mas sou aposentada, gosto de ficar na natureza... me sinto bem quando estou labutando com a terra. E ainda quando meus filhos e netos estão na minha casa, eles ainda comem dos produtos agrícolas, ainda levam para a cidade para suas casas.

Sobre a cultura da plantação daqui do Mamão do Mato é mais na época de chuva, como milho, abóbora, andu, fava, mangalô, batata doce, aipim e dentre outros. Na minha casa tem a

cultura religiosa das Rezas que faço na intenção de oferecimento para Santa Bárbara e São Cosme no mês de dezembro. Sou também, benzedeira da comunidade, aquela que reza as pessoas da comunidade e até mesmo as criancinhas recém nascidas de olhado, e passa remédios caseiros de ervas medicinais, e conheço muitas plantas medicinais.

Sou uma pessoa que tenho criação de animais, de galinhas, suínos e peru. Armazeno sementes crioulas porque meus pais ensinaram a guardar as sementes para o ano seguinte, plantar na época de chuva, milho, feijão de corda, mangalô, fava, andu, abóbora e, melancia. Para lembrar... já fui parteira da Comunidade, aquela que no momento que mais precisava ia fazer parto. Quero dizer aqui, que aprendi muito na vivência da Comunidade.

### **3. EDUCAÇÃO DO CAMPO E IDENTIDADE CAMPONESA**

Após discutir a introdução, metodologia e apresentar os guardiões da memória do estudo, passamos a fazer um debate da relação entre Educação do Campo e identidade camponesa. Enfatizamos os desafios e potencialidades no processo de consolidação da Educação do Campo definida aqui em diálogo com Caldart (2012) como um conceito em construção, um fenômeno da realidade brasileira atual, marcada pelas esferas do trabalho, cultura, formação humana e lutas sociais camponesas (de classes) implicadas por projetos de sociedade em disputa. Os projetos em disputa mencionados remetem-se a necessidade da Educação do Campo de problematizar e contestar o modelo hegemônico capitalista (agronegócio) e colonizador, estruturado também no campo de luta da educação.

Parafraseamos Fernandes e Molina (2004, p.37), a Educação do Campo é um novo paradigma que vem sendo construído por grupos sociais e que rompe com o paradigma da educação rural, cuja referência é a do produtivíssimo, ou seja, o campo somente como lugar da produção de mercadorias e não como espaço de vida.

Para a SABOURIN (2017), comunidades camponesas criaram uma série de mecanismos que permitem que cada família participante desse, sistema de reciprocidade, pudesse se alimentar de forma boa e nutritiva.

Afirmamos em diálogo com Molina (2004, p.12) que a Educação do Campo atua como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações. Isto quer dizer que se trata de pensar a educação (política e pedagogia) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a

educação (que é um processo universal) desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo histórico. A Educação do Campo assume sua particularidade, que é o vínculo com sujeitos sociais concretos, e com um recorte específico de classe, mas sem deixar de considerar a dimensão da universalidade: antes (durante e depois) de tudo ela é educação, formação de seres humanos.

Em nossa compreensão, o marco para a Educação do Campo é a dimensão da questão agrária<sup>3</sup> e luta pela terra. De acordo Fernandes (2005), neste sentido, à a Reforma Agrária é parte importante da Educação do Campo, abarcada como um processo em construção de convívio dos sujeitos do campo, que se contemplam na lógica das políticas que pensa a Educação como parte essencial para o desenvolvimento futuro da identidade camponesa.

O cultivo de identidades são uma das funções de trabalhar na escola e nas comunidades quais processos de formação e percepção de cada formação de identidade, no entanto a identidade é formada de um pouco, de nação, identidade, gênero, na qual assim identidades pessoais e sociais. De acordo com Molina e Jesus (2004), *as identidades se formam nos processos sociais*.

Portanto, falar de identidade camponesa é de suma importância, em especial por evidenciar os modos de vida, compreendendo o campo como um lugar de vidas, de culturas, um espaço geográfico marcado também por suas riquezas naturais de sua vegetação, antes de tudo, fruto das relações sociais, culturais e especificidades dos diversos sujeitos campesinos.

Para a autora Batista (1993), a terra proporciona o alimento que garante a sobrevivência e a convivência com o meio ambiente. Também é sinônimo de vida, elemento constitutivo da identidade camponesa e da sociedade tanto na família como na comunidade, e essas esferas são importantes para o fortalecimento da identidade.

Pensando em identidade, também apontamos a nossa posição contra hegemônica da Educação do Campo. Sua origem ligada a luta contra o capitalismo. Nessa luta, importante destacar os movimentos sociais e organizações com busca de bons resultados para uma segurança nos modos de vida dos camponeses.

Segundo Uberlino (2007) as relações capitalistas de produção são relações baseadas no processo de separação dos trabalhadores e trabalhadoras dos meios de produção como a classe de seu próprio trabalho exercendo sua força de trabalho. Sendo assim, com a transformação de

---

<sup>3</sup> Tratamos da questão agrária no contexto da pesquisa no próximo capítulo.

trabalhadores/as em objetos no processo, o capital exclui e reduz toda a importância dos modos de vida e trabalho do camponês.

Pretende-se dizer que a Educação do Campo não é só a luta pelo espaço de produção, mais um espaço de convívio para a negação do modelo capitalista no campo. Para que os sujeitos do campo em sua trajetória, mais o campo também como forma de espaço cultural de formação.

O interesse em construir o trabalho de conclusão do curso debatendo também a identidade camponesa está relacionado a esses desafios. Para além do desafio indicado, importante avaliar e escutar os guardiões da memória, valorizando seus modos de vida, nesse cenário violento da produção capitalista. Partimos do entendimento que as experiências locais e globais são esferas complementares, que se exprimem no contexto dos modos de vida.

Portanto acrescentando, as dimensões da Educação do Campo se fazem presente; nas palavras de Fernandes (2005) “educação, cultura, produção, trabalho, infraestrutura, organização política, mercado etc., são relações sociais, constituintes das dimensões territoriais.” Para isso é possível perceber que a Educação do Campo atua de forma contínua na luta por igualdade pelo um projeto de vida e sociedade. Compreender os territórios é importante nos processos de lutas pelas classes trabalhadoras, nos campos geográficos e humanos que determina meios políticos, culturais, a partir daí constituem-se os sujeitos sociais.

O Decreto 7.352/2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, em seu artigo 1º afirma como as populações do campo: agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (BRASIL, 2010).

Em acordo com o decreto citado, o desenvolvimento do campo apresenta um caráter heterogêneo. Os sujeitos camponeses são diversos, em seus territórios constam fatores que determinam suas existências para sobrevivência no campo. Nesse sentido, em nossa leitura, importante registrar esses modos de vida e quais elementos fortalecem a identidade camponesa em uma esfera de contra hegemonia a produção capitalista.

Essa relação entre território e sobrevivência é marcada por desigualdades históricas. Essa desigualdade também atravessa a educação dos camponeses, com trajetórias desafiadoras. Falar em Educação do Campo é muito relevante, em especial entender os modos de vida e considerar a escuta de guardiões da memória no sentido de contribuir para um sistema educativo justo no processo relacional do campo e da cidade.

Arroyo (2006) atenta que sabemos como o pertencimento social, indígena, racial, do campo, é decisivo nessas históricas desigualdades. Para todo este conhecimento histórico das desigualdades, Arroyo (2006) destaca que deveria ser urgente pesquisar como estas desigualdades marcam profundamente as pessoas do campo na construção ou não construção dos sistemas educativos, onde os sujeitos são marcados historicamente dessa desigualdade de forma que as políticas educativas, de garantias de direitos, especificamente do direito à educação.

De acordo com Arroyo (2006) *os movimentos novos do campo pressionaram a escola para acompanhar essa dinâmica. Uma dinâmica que envolve recriação e criação de novos sujeitos na formação social. A reflexão sobre a atuação desses movimentos, e também da dinâmica das escolas, são fontes imprescindíveis na Educação do Campo.*

Considerando as palavras de Arroyo (2006), para além da escola do campo, refletimos sobre a educação do campo a partir da Comunidade do Mamão do Mato com sua estrutura, culturas, agriculturas, tradições, costumes e valores. Podemos pensar nas especificidades dos sujeitos do campo, adultos, idosos, crianças e jovens, adolescentes na formação desses *sujeitos de recriação e criação.*

Portanto, pensando na Educação do Campo como espaço produtivo de saberes e de vivências sociais, *de recriação e criação*, afirma-se a busca por meios de criar estratégias políticas a partir do contexto vivido (Mamão do Mato – Brejões – Bahia), mediado pela escuta de guardiões da memória da comunidade, neste espaço de construção coletiva, continua, no viés que compreende as dinâmicas de modos de vida pensados em contraponto ao capitalismo no território camponês.

Entretanto, com o olhar neste ponto de vista, o embate a lógica do capitalismo, lembra-se que o campo é um espaço de vida digna e de lutas dos sujeitos como experiências de resistência e reafirmação dos povos que lutam para uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, ao pensar as dificuldades desse cenário os entrevistados mencionam:

### **Figura 8-** Entrevista com um Guardiã da Memória



**FONTE:** Luciana Bomfim (19\03\2020).

[...] É o que se bate de frente, a água! Não temos água encanada, a chuva não vem na época certa quando vem é difícil acesso trazer até a roça. Hoje tem o projeto do governo federal... aquele negócio dos tanques e cisternas, barreiros, que acumula água. Mais a gente não tem aquele apoio e suporte necessário para o Mamão do Mato e a região inteira. (ENTREVISTA, GUARDIÃO DA MEMÓRIA - JOSÉ BARBOSA DE DEUS, 2020).

[...] O pior mesmo é o seguinte serviço ninguém acha para fazer para trabalhar mais [...] A renda daqui não é boa não. Quando a gente planta que tem, tem uma rendazinha... Quando não chove para fazer aquela renda não tem como (pausa). Eu já trabalhei muito... e muito serviço no município e fora do município também. Já andei muito para trabalhar... hoje em dia que o serviço é bem pouco. [...] fui para a [Lagoa do] Morro pegar café, trabalhei cinco anos na pegando o café... aí o café foi acabando também... parou também. Aí veio uma firma para o entroncamento de Brejões. Trabalhei uns quatro meses nessa firma. A firma foi embora. (ENTREVISTA, GUARDIÃO DA MEMÓRIA - JUANITO DOS SANTOS ALMEIDA, 2020)

Os guardiões da memória relatam dificuldades e desafios que se encontram na Comunidade. Pode-se perceber, em mais de um relato, que o *desafio com água*, considerada pouca para a produção, e só o armazenamento dos projetos não são suficientes para produzir á devido modo. A fala também faz pensar a política pública e seus usos no campo. A zona rural em se precisa de uma atenção pública, principalmente as políticas públicas de desenvolvimento rural na Educação do Campo. Outra fala indica o *desafio com trabalho*. Um problema estrutural que afeta aproximadamente 14,8 milhões de brasileiros, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>4</sup>. Os problemas globais estão relacionados com o local.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> . Acesso em 20/08/2021.

Nas palavras de Caldart (2004) o grande desafio da educação do campo que temos como *sujeitos que colocaram esta bandeira em marcha, é de abstrair das experiências, dos debates, das disputas em curso, um conjunto de idéias que possam orientar o pensar sobre a prática de educação da classe trabalhadora ou em outras práticas de políticas de educação.*

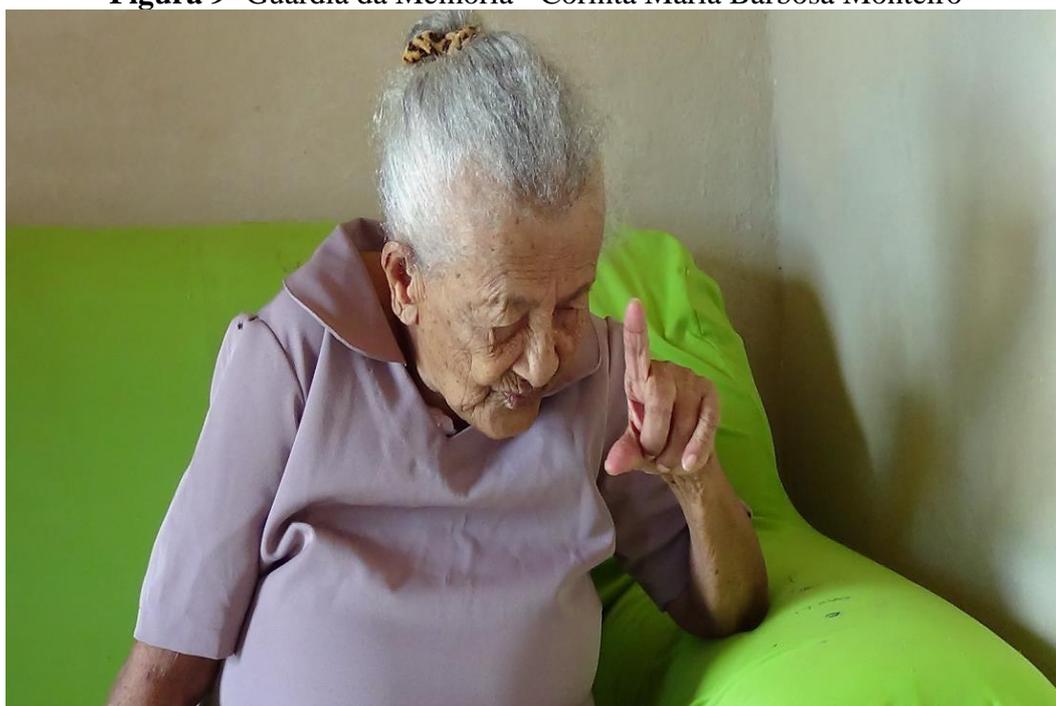
A proposta da realidade da Educação do Campo é uma prática pedagógica de um diálogo voltado à realidade particular da educação do campo, amplamente uma formação de seres humanos dados ao histórico na condição sociais de cada realidade do campo. Para Caldart (2004), *trata-se de construir uma educação do povo do campo e não apenas sobre ele, muito menos para ele.* Assim, os guardiões apontam:

[...] Adoro (Momentos de risos)... Adoro porque é um alívio que a gente vive, planta... colhe. Tem laranja, abacate e se você plantar... se chover, tem abóbora melancia, feijão. A época é de dezembro [até] novembro, de janeiro até fevereiro, no feijão de corda é mês de junho... a gente planta feijão (ENTREVISTA, GUARDIÃ DA MEMÓRIA – JULIA MARIA DOS SANTOS ALMEIDA, 2019).

[...] Gosto demais! Amém a minha alegria é morar no campo. No ano que chove você planta e colhe. Eu mesmo aqui planto palma, andu, mangalô. Tenho uma horta ali abaixo... lhe faço horta. No tempo da cooperativa Mariana me deu a ideia de plantar e entregar em Brejões, eu entregava... (ENTREVISTA, GUARDIÃO DA MEMÓRIA - JUANITO DOS SANTOS ALMEIDA, 2020)

Eu gosto de morar porque foi onde eu cresci... e me criei... casei e estou aqui até hoje. [...] A primeira família do Mamão do Mato era do meu pai, e um senhor com nome Marciliano... e uma mulher que se chama Miliquinha. E a mãe chamava Genoveva... mas eu não conheci essa mulher. Era mulher de compadre Ireno de Olímpio... aí esse povo foram embora e nunca mais voltou (ENTREVISTA, GUARDIÃ DA MEMÓRIA – CORINTA MARIA BARBOSA MONTEIRO, 2019).

**Figura 9-** Guardiã da Memória - Corinta Maria Barbosa Monteiro



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (27\04\2020).

Analisando as falas, destacamos que o guardião e as guardiãs atentam para importância da terra, da produção e, a guardiã mais velha que contribuiu com a pesquisa aponta uma questão que aparece em outras falas, a questão geracional e sua perpetuação no lugar. Está preservado nos relatos a descrição de processos que envolvem a criação da comunidade e como essa dinâmica se envolve com a presença de “outros” que mobilizam e constituem as memórias.

Para parafrasear Caldart (2004) *a história todos são sujeitos*, aliás, pode ser um bom ponto de partida para explicar as concepções deste ponto de vista de quem tem compromisso com sua raiz, sua cultura e memória. Por isso pesquisamos a memória dos guardiões da comunidade de Mamão do Mato em Brejões. Isso com vistas ao diálogo entre educação do campo e identidade camponesa.

Para Caldart (2004), a presença significativa de experiências educativas que expressam a resistência de cultura e memória dos sujeitos, as expressões políticas do povo camponês, são uma afronta frente às tentativas de sua destruição.

Assim, em diálogo com as leituras anunciadas, pensamos a formação humana vinculada a uma concepção de campo na qual se institui *um projeto de educação dos e não para os camponeses* (CALDART, 2004). É preciso entender que a Educação do Campo se identifica pelos seus sujeitos e cada afirmação do sujeito é preciso compreender seus modos de vida.

No entanto, é vital o vínculo com a matriz pedagógica do trabalho e da cultura. Portanto, a cultura também é uma forma de educar através dos conhecimentos de sua origem de onde viria através do modo de cada um educá-lo. Para Caldart (2004) pensar toda a categoria do contexto da cultura como matriz formada, que nos ensina que a educação é uma dimensão do processo histórico.

Pensando na perspectiva da Educação do Campo como espaço cultural e de transformação de trabalhadores e trabalhadoras. Bem visto por Caldart (2004) olhando para a via campesina pensar em meios de educação dos grandes valores humanos e sociais, ressaltado; emancipação, justiça, igualdade, liberdade, respeito à diversidade, bem como reconstruir nas novas gerações e do engajamento pessoal a causas coletivas, humanas.

#### **4. O SER CAMPONÊS NA COMUNIDADE DE MAMÃO DO MATO: REFLEXÕES E PERCEPÇÕES DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA**

Avivamos o objetivo de analisar quais as percepções dos guardiões da memória sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na comunidade

do Mamão do Mato, Brejões – BA. Em diálogo com Molina (2004), concebemos o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto à relação com a natureza, o trabalho, a cultura e suas relações sociais. Esta concepção educacional não está sendo construída *para* os trabalhadores rurais, *mas por eles, com eles*.

Cultura e identidade camponesa se atravessam. Pensar a identidade remete a pensar a Cultura. As culturas são uma construção. O modo de vivência diferente que cada um adota pela realidade que a gerações antigas deixaram, e as novas gerações seguindo conforme vão passando para eles. Tardin (2012) afirma, em se tratando do campesinato, ele se constitui a partir de uma diversidade de sujeitos sociais históricos que se forjaram culturalmente numa íntima relação familiar, comunitária e com a natureza, demarcando territorialidades com as transformações necessárias à sua reprodução material e espiritual, gerando uma miríade de expressões particulares que, ao mesmo tempo, respaldam-se em elementos societários gerais, marcando sua humanização e humanizando a natureza, em um intricado complexo de agroecossistemas.

Portanto, segundo Brandão (2009, p.720) as culturas tradicionais são múltiplas e cada cultura só pode ser compreendida de dentro para fora numa vez que acontecem em tempos diferentes. Sujeitos da realidade concreta, do significado e da aprendizagem, somos uma espécie que, dotada de um mesmo aparato biopsicológico, ao invés de se limitar a produzir um único modo de vida, ou modos de ser muito semelhantes, geramos quase incontáveis formas de ser e de viver, de falar e de dizer como tipos de culturas variáveis em sua geografia, e em sua história.

Na produção do modo de vida, importante pensar em políticas públicas para trabalhadores e trabalhadoras no/do campo. A educação é um direito social. Uma política de educação do campo requer o reconhecimento de que a cidade não é superior ao campo e, a partir dessa compreensão, impor novas relações baseadas na horizontalidade e solidariedade entre campo e cidade. O campo é, acima de tudo, espaço de culturas, rico e diverso. Assim, é importante a superação da dicotomia entre o rural e o urbano (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2004).

Neste sentido, falar da cultura camponesa *é recriar e criar* as experiências relativas do campesinato brasileiro de seu modo de vida do ser camponês, em diálogo com Tardin (2012), as influências étnicas, relações cotidianas com a natureza, conhecimento empírico amplo, oralidade e prática, educação, espiritualidade, religiosidade, e a relação família, comunidade e território.

Esses elementos da cultura camponesa na comunidade foram narrados e compartilhados pelos primeiros moradores. Na atualidade, fruto das vivências e experiências, surge à inquietação de problematizar a atuação desses sujeitos (guardiões da memória) para pensar a Educação do Campo e a identidade camponesa. Oportunidade de refletir sobre a valorização destes conceitos, apreciando os significados no campo de reconhecimento dessas tradições.

A partir do campo, do contexto pesquisado, as inquietações e reflexões serão mediadas pela escuta dos guardiões da memória em um cenário que as tradições culturais ocupam na comunidade até os dias atuais. Categorizamos para sistematizar as experiências, apreciamos como destaque, por intermédio da observação participante, o trabalho e soberania alimentar (representado pela casa de farinha e sementes crioulas), os sambas e as rezas que são marcadores comunitários.

Dessa forma, alimentamos a intenção de pesquisar elementos da Educação do Campo, entendendo como um desafio. Aqui, em termos de delimitação, discutiremos reflexões considerando as categorias que pretendemos utilizar no levantamento das narrativas dos guardiões da memória. A saber: (1) trabalho e soberania alimentar (2) tradições, religiosidades e samba de roda.

#### 4.1 IDENTIDADE, TRABALHO E SOBERANIA ALIMENTAR

Como dito anteriormente, a pesquisa realizou as entrevistas com os sujeitos da memória da própria comunidade, o que chamamos de guardiões da memória. Buscamos escutar os sujeitos (seis guardiões da memória) que marcam o cotidiano das tradições culturais que ocorrem a partir das categorias (1) Identidade, trabalho e soberania alimentar (2) tradições, religiosidades e samba de roda. Os relatos de memória nessa comunidade foram registrados em caderno de campo, dialogando com elementos da etnografia, em especial a prática de observação participante. Outros momentos foram gravados, transcritos e analisados a partir da escuta dos sujeitos, orientados por um roteiro semiestruturado<sup>5</sup>. As entrevistas foram realizadas de forma presencial no período entre 25 de outubro de 2019 à 19 de março de 2020, os diálogos foram anteriores a realidade de pandemia mundial por COVID - 19. Os desafios posteriores, em decorrência dessa realidade serão retratados nas considerações.

Nas transcrições aqui registradas incluímos reticências em momentos de hesitação, bem como comentários entre colchetes para identificar grifos complementares de nossa autoria e

---

<sup>5</sup> Quadros com eixos/categorias destacados em seção anterior.

parênteses para indicar pausas e sentimentos. Importante salientar que essas alterações não implicam na mudança de sentido das memórias dos guardiões. Utilizamos essa estratégia com a intenção de contribuir com a descrição/leitura da transcrição.

Para pensar as categorias, orientamos nossa leitura em diálogo com a dinâmica da cultura camponesa. Essa relação é produzida por vários símbolos e elementos, desde as origens de trabalho, soberania alimentar, tradições religiosas e sambas de roda. A cultura camponesa não está limitada a esses elementos, contudo é vital ampliar as relações de sua produção atual com a origem sociais dos antepassados, aquilo que chamamos de pertencimento de influências do cotidiano, que são apresentados no decorrer familiar ou organização comunitária. Assim, iniciamos dialogando com as percepções sobre a categoria Trabalho e Soberania Alimentar.

De acordo Tardin (2012, p. 180) *essa materialidade nova se volta sobre o seu criador, alterando seu estado material de vida e abrindo um novo campo de possibilidades e necessidades que o impulsiona à contínua transformação*. Assim, a cultura camponesa é toda criação humana resultantes das relações entre os seres humanos, nada mais é do que cuidar e tomar conta e cultivar a natureza que leva ao estabelecimento de modo de vida (TARDIN, 2012).

Alentejano (2012, p. 760) descreve o processo histórico do trabalho no campo e problematiza, que apesar da enorme diversidade de trabalhadores do campo é o fato de, por diferentes formas e mecanismos, todos eles estarem submetidos ao controle e à exploração do capital, estando sujeitos à expropriação pelo avanço da concentração fundiária resultante da expansão da dominação capitalista, o que nos permite dizer que são parte da classe trabalhadora, em confronto aberto ou latente com as classes dominantes do campo. Essa realidade não difere do contexto da pesquisa.

**Figura 10-** Beneficiamento de palhas para a produção de esteiras - comunidade de Mamão do Mato, 2018.



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (2018).

As figuras representam um legado muito forte na comunidade de Mamão do Mato, outra influência de ordem geracional. Uma das guardiãs faz esteiras desde de criança, e até os dias de hoje. Em seu olhar é um ato de *resistência*, perpetuação de uma cultura muito forte que foi deixada dos mais velhos. Paralelo a imagem do beneficiamento da palha, uma das guardiãs trouxe relatos da produção de esteiras em sua juventude, aprendizado que envolve gerações, ela aprendeu com a sua mãe e continua a produzir esteira na Comunidade. A guardiã relata que *o trabalho com a palha é feito por partes e que cada passo em seu momento, com isso a forma de retirar a palha para não prejudicar a planta*, e falando dessa planta as famílias tem uma preservação desta planta que serve para o trabalho da esteira, produção de chapéu e também de alimentar animais, fazer cobertura de plantas, vassoura, dentre outros trabalhos.

Percebe-se, partindo principalmente da observação participante e leitura de imagens, as culturas vivas existentes nesta Comunidade, neste município de Brejões, contemplando assim a influência passada de geração para geração, e isso configura uma marca deste povo, jovens, crianças, adultos, idosos.

**Figura 11-** Cultura de benzimento e uma esteira pronta.



**FONTE:** Karla Cajaíba e Mariana Santana de Deus (24\02\2020) e (04\12\2018).

Os modos de vida familiar são marcados de ensinamentos que foram passados de geração para geração, e que continua muito viva nesta Comunidade, como as Rezas, o Samba, o cantado de Reis, as brincadeiras tradicionais das crianças que ainda tem neste espaço, das benzedeiras, e rezadeiras, o uso de plantas medicinais, a festa do padroeiro da Comunidade Bom Jesus da Lapa, a manipulação da produção da mandioca na casa de farinha, a plantação nos períodos chuvosos com a família, a cultura das sementes crioulas, a criação dos animais de pequeno porte como galinha caipira, porcos, cabras. Nesse cenário, a cultura fortalece a identidade camponesa, uma construção de histórias humanas com os sujeitos, resistentes, vivendo seu modo de vida no campo.

Para além da produção de esteiras, a Comunidade de Mamão do Mato já foi uma grande produtora de mandioca. Hoje em dia ainda tem a produção da mandioca, mas não é forte como antes, fumo e mamona durante as décadas de 1960 e 1980. Atualmente a economia sobrevive da agricultura familiar, o programa bolsa família, aposentadorias, e trabalhos em outra cidade para buscar melhoria de sobrevivência familiar.

Pensar a questão agrária no contexto da pesquisa, requer um diálogo com a compreensão da questão agrária no Brasil. Nesse caminho, observa-se que a modernização do capitalismo industrial e o desenvolvimento da agricultura desde sua colonização trouxeram bons lucros para o país beneficiando o capitalismo. Por outro lado, a sociedade brasileira foi e continua sendo marcada por desigualdades social e econômicas, êxodo rural, degradação ambiental, concentração de terras, dentre outros fatores preocupantes (STEDILE, 2012).

A concentração histórica social do território, a influência de oligarquias e do latifúndio repercutiu na formação territorial da Bahia, em todo o Nordeste e demais regiões do Brasil. Sendo assim, o contexto histórico da região do município de Brejões não é tão diferente. Os fatores mencionados tem gerado grandes desigualdades sociais e fundiárias no contexto. De acordo com Reis (2013), principalmente nas formas de acesso à terra, a situação que se inicia desde colonização perdura até os dias atuais.

O mamãozinho de veado planta como conhecida também como mamão do mato, segundo a autora Rios (2019) é considerado um grande reservatório de água utilizado pela planta, principalmente nos períodos de estiagem na qual, a jacarantiá são espécie de árvores conhecidas popularmente como mamãozinho-de-veado, mamoeiro bravo mamoeiro do mato e mamão do mato. Essa planta a raiz é parecida como a batata do Umbuzeiro o xilopódio dessa planta mamão do mato pode chegar pesar muitos kg, segundo os moradores da Comunidade. A capacidade de produzir grande xilopódio, túberos de aproximadamente 70 kg. É uma espécie rica em nutriente água para alimentação animal, os moradores desta localidade usavam a raiz dessa planta para alimentar galinha.

Em relação a questão agrária, falando um pouco da característica da Comunidade de Mamão do Mato, Brejões – Bahia, o campo empírico da pesquisa, é de um potencial fortemente marcadas nas memórias e histórias do povo nordestino, reforçado aqui a Caatinga. A Comunidade Mamão do Mato é um lugar; de benzedeadas, usos de ervas medicinais, esporte do futebol de campo, brincadeiras tradicionais, organização social (associação tem 25 anos de atuação), produção da agricultura e pecuária de animais de pequeno porte, religiosidade afro-brasileira o fortemente sincretismo religioso ( as Rezas e Samba de Caboclos) e samba de roda, cantigas de benditos e versos debater, lugar de musicalidade, recheado de plantas da caatinga como o mandacaru, umbu, maracujá do mato, angico, licuri, liquioba, caatinga de porco; os moradores canta Reis em janeiro homenageando os três Reis magros, celebração de missa, celebração da Semana Santa, e tem as bênção ( pai, mãe e os mais velhos) diárias na Comunidade. A Comunidade vive e resiste à cultura e pertencia deste lugar. A comunidade do Mamão do Mato tem aproximadamente 25 famílias atualmente.

Segundo as informações coletadas na Comunidade, os registros dos primeiros moradores mais velhos dessa localidade entre eles são; Balbino Faustino Barbosa, Idalina Maria Lucas Barbosa, Corinta Maria Barbosa Monteiro, Moisés Barbosa, Esmael Alves do Amaral, Jerminia Maria Cabral, Manuel Evangelista Barbosa, Lindaufa Arruda Barbosa, João Bispo de Santana, Manoel Bispo, Afonso Bispo, Vivaldo Paulino do Santos e Raimunda Santana. E a maioria vieram do município de Amargosa de uma Comunidade por nome Julião. Com diálogo

com a Comunidade registramos que a primeira família a morar na localidade chegou aproximadamente no ano de 1927. Outros moradores e guardiões guardam documentos de terra que consideram escrituras datadas de 1974, 1941, 1940. Existe divergência em torno da fundação da comunidade, os diferentes relatos apontam para uma ocupação aproximada do território em torno de 90 anos.

A dinâmica do trabalho gira por produtos das atividades agrícolas: maracujá do mato nativo da região, e maracujá amarelo, feijão verde, milho, mandioca, aipim, licuri e os derivados são vendidos na Feira livre do Km 100 Distrito-Brejões, Milagres, e Comunidade próxima. Esses trabalhos da produção agrícolas são realizados em famílias trabalhando em mutirão, fazendo a plantação, colheita, embalar os produtos, a *debuia* dos grãos e as práticas adotadas são o uso de enxada, adubação orgânica com de esterco de galinha e cabra e urina de gado. Essas produções contribuem para a soberania alimentar nessa comunidade é a importância da valorização dos alimentos, a nutrição alimentar, evitando a desnutrição, a importância de alimentar dos próprios produtos da comunidade, fortalecer o agricultor, trabalho coletivo, e evitando os pacotes tecnológicos, conservação da biodiversidade, produção para subsistência e dentre outros aspectos da soberania alimentar.

A criação de animais de pequeno porte vem avançando cotidianamente com a produção para o consumo próprio, como a galinha caipira, caprinos e também para a comercialização externa.

**Figura 12-** Produção de maracujá amarelo - Comunidade de Mamão do Mato - Brejões, 2018.



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (2018).

Os destaques citados acima dialogam com o objetivo do estudo, a existência do modo de vida camponês na comunidade, no tempo presente, é crucial para interpretação. O produtor camponês produz na terra, mas configurando os elementos da natureza. Em nossa ótica, os elementos de respeito presentes na prática cotidiana social desses sujeitos, no respeito as fases da lua, que também são chamados de quadra de lua, sendo as práticas sociais do campo como os meios dos camponeses trabalhar com os conhecimentos que adquiriram ao longo dos anos. Os moradores tem um grande respeito em plantar certas culturas agrícolas no período de fases da lua. A plantação acontece nos períodos de chuva e nas fases de lua crescente e cheia para a planta se desenvolver, crescer, a raiz com mais espessura, pois a planta é produzida e desenvolvidas através dos fenômenos da natureza. Todavia, as relações sociais que tem características próprias como o modo de plantar respeitando as fases da lua, as datas comemorativas de plantação como o de março que é a data que os agricultores plantam milho para a colheita no São João, são elementos que fortalecem o *ser camponês*, ser do campo e pertencer à identidade de *ser do campo*.

Para os autores Silva e Inácio (2012), o conjunto de práticas e/ou estilos de vida que possui valores e elementos como a solidariedade, relações de vizinhança, e meio termo entre as relações familiares e o povoado, são marcantes para esse universo do sujeito *de vida caipira*. Ainda destacam que os medos, os fracassos, as resistências existentes como sentimentos, sensações e atitudes ligados ao modo de vida são extremamente marcados pelo tempo no campo.

Em virtude dessa dimensão do tempo, em acordo com guardiões da memória, o nome da Comunidade Mamão do Mato surgiu de uma árvore conhecida pelos moradores, o *mamão do mato*, planta muito utilizado para os animais na época de estiagem, períodos com escassez de alimentação, em especial animais de pequeno porte como galinhas e porcos.

As dimensões históricas do trabalho são marcadas por uma dinâmica prática em casas de farinha. A comunidade de Mamão do Mato conta com duas casas de farinha manual até os dias de hoje, mas só uma é utilizada para os trabalhos. Os guardiões comentam que uma dessa *não é utilizada pelo fato de as chuvas não virem no período mais certo, e também porque quem a produção de farinha era o povo mais velho, os moradores mais novos trabalham fora*. Portanto, a casa de farinha onde a produção persiste na comunidade é dividida por duas famílias de mais velhos. Essa casa de farinha tem produção durante em um período do ano, com derivados da mandioca, e aipim. Na qual sendo esses, beiju, farinha, para o uso do consumo e venda nas feiras livres.

**Figura 13-** Casa de farinha familiar - Comunidade de Mamão do Mato - Brejões, 2020.



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (19/01/2020).

A descrição das particularidades do campo empírico dialoga com a intenção de pensar a Educação do Campo e a Identidade Camponesa. Ao longo da escuta, questionados sobre fontes de renda e plantas cultivadas na comunidade, o Guardiã da Memória explicita elementos do trabalho na casa de farinha:

[...] batata, feijão, mandioca, fava, andu... mais o forte aqui hoje é o andu e a mandioca. Produzi e investir nessas duas áreas é muito bom... Porque a mandioca faz a farinha, da comida as galinhas, a porco e todos os tipos de animais que comem a mandioca. [Pesquisadora: e como é o trabalho da mandioca durante o ano? Como plantar? E como é o trabalho na casa de farinha?] Começamos pela quadra [da lua] específica para plantar. Plantar em uma quadra que não é adequada... acho que a terra não aceita... mês bom é agora. Esse mês de março, choveu plantou (pausa). Quadra boa... se não chover a gente não pode plantar... aí não vai nascer no caso. E o trabalho na casa de farinha ainda é manual, mas é uma coisa que a gente gosta, não é uma grande produção... Mas é uma alegria como é que fala! (risos). Harmonia trabalhar tudo junto, em família... e que nós fizemos farinha beiju, no período do beiju... é festa... é na hora de plantar e a produção e aí nós estamos na luta. [Pesquisadora: e na casa de farinha tem resenha? conversa?] Resenha... também comida que... as pessoas comem muito (risos), e também tem os versos que a gente canta aqui, reza também as vezes. [Pesquisadora: e o senhor lembrar de algum? pode cantar?] Versos também é mais fácil... porque coisa que a gente já viveu desde criança... Os versos que canta na casa de farinha. *Eu estava na peneira eu estava penerando, eu estava no namoro eu ia namorando.* [Outro verso] *Minha mãe me deu uma surra... Com gain de alecrim... quanto mais ela batia.. mais gostava do cheirin...* Versos que tinha desde criança (risos) (ENTREVISTA, GUARDIÃO DA MEMÓRIA - JOSÉ BARBOSA DE DEUS, 2020).

A fala do Guardiã da Memória destaca as relações existentes na casa de farinha e sua importância simbólica. Nesse cenário refletimos sobre os espaços e tempos do modo de vida camponês vinculados a experiências que articulam local e global, e constituindo lugares de criação e recriação da cultura. Em reflexões sobre a casa de farinha, falando em tradições culturais da comunidade, destaca-se neste contexto a importância que esta localidade tem, como

um espaço tradicional, que além de representar um local apropriado para produção artesanal de derivados da mandioca, serve também como espaço de convívio (DE DEUS et al., 2017).

Segundo Brandão (2002) os espaços de convívio coletivo e integrativo constituem uma manifestação cultural, na qual, é possível haver a internalização de habilidades, condutas, saberes culturais, valores e aprendizagens entre seus participantes. Assim, alertamos para a descrição de Brandão (2007):

A própria conversa cotidiana, sejam entre vizinhos, amigos e parceiros do trabalho, seja em âmbito familiar (ali onde as opiniões das esposas são bastante mais importantes do que se imagina em geral), versa quase sempre sobre assuntos ligados “à lida” com as plantas e/ou os animais. E, nelas, as questões relativas às estratégias de comercialização local e regional dos excedentes ganham um lugar cada vez mais central. Economias familiares, de tipo tradicional camponês, seja na direção de uma ainda maior tradicionalidade, seja como no caso de alguns assentamentos da reforma agrária, não situadas à margem de sistemas dominantes de economias de mercado, mas integradas em e entre os seus espaços territoriais de natureza, sociedade e mesmo de cultura (BRANDÃO, 2007, p. 46-47).

A casa de farinha para além do espaço de convívio, implica sobretudo na soberania alimentar. Na pesquisa de campo, a entrevista mostrou que a produção na casa de farinha está em torno de quatro gerações que perpassa nesse ambiente coletivo familiar do trabalho, a produção da farinha e do beiju com sabores diferentes como licuri, coco, e feito de massa de mandioca e goma (fécula), nesta casa de farinha para além dos mesmo citados se trabalha o bolo de palha de banana, (conhecido também como pé de moleque) é muito marcante neste espaço a leitura de mundo em um só espaço. Relatos de guardiões indicam que *mesmo cansado com a labuta da casa de farinha se comemora no final distribuindo (dividindo) os beijus daqueles que estava no trabalho e para aqueles amigos e familiares, que não estava, mas que comunga do mesmo espaço de espírito de alegria que contagia o momento da vida do camponês. A Soberania Alimentar representa o direito de produzir, trocar e consumir alimento de acordo com seus costumes e livre de qualquer pressão seja política ou econômica (CONTI e SCHROEDER, 2013).*

O trabalho da casa de farinha em Mamão do Mato atravessa de geração para geração, essa tarefa comunitária envolvi os serviços até os dias atuais, com jovens, crianças e adultos, idosos. Um rito comum é de que a guardiã mais velha contribui com o cantar e contar versos e chulas, um aprendizado sem tamanha neste ambiente que se chama Casa de Farinha.

Outro elemento marcante na dinâmica de trabalho, relacionado a soberania alimentar é a relação da comunidade com as sementes crioulas. Quando questionadas sobre a relação com as sementes a Guardiã da Memória fala:

Quando tenho que chego o tempo da acolha, eu guardo semente pra poder plantar. Quando eu não acho... eu já tenho... Aí vou e jogo na terra, se não der nada, adubo a

terra, pronto fica no mesmo. Feijão, semente de melancia, semente de andu, fava, semente o milho. Quando não dar trovoadas, teve muito. [Pesquisadora: como armazenava as sementes antigamente? e como armazena hoje?] Nos gostava na cinza, nas garrafas, ou numa lata com cinza. Quando chega o encargo no final do ano a gente ia plantava. Já hoje já tem outro estudo. Você armazena em garrafa pet né! Outra hora nos bardes plásticos. Hoje se bota nessa condição, se bota ele bem sequinho nas vasilhas, bem... eu tinha bem tampada. Como essa semana mesmo achei um vaso de litro de feijão macaço e chega estava vermelho. Por trás de uma pia velha que tem alí, quando *panhei* o feijão, plantei e já [está] nascendo. Chega [estava] vermelho, se der vai ter suficiente... a vontade. Se Deus permitir, que nós não sabe de nada (ENTREVISTA GUARDIÃ DA MEMÓRIA – FRANCISCA ALMEIDA MACHADO BARBOSA, 2020).

A guardiã destaca: *Quando tenho que chego o tempo da acolha, eu guardo semente pra poder plantar.* As sementes crioulas têm sido guardadas, reproduzidas e melhoradas milenarmente pelas famílias camponesas e povos indígenas em todo o mundo. As sementes têm garantido o fortalecimento da identidade camponesa, e as tradições passadas de geração para geração, sendo assim de pais para filhos buscando valorizar ainda mais a realidade dos sujeitos do campo, visibilizando os povos originários e ancestrais, a humanidade e a diversidade étnico-ambiental que herdamos.

As sementes crioulas são atores contrários às forças que desafiam os pequenos agricultores, servindo para afirmar a tradição campesina e, assim, demarcar a propriedade intelectual daquilo que eles cultivam, definindo o direito de uso por parte desta população. (LENZI, 2006, pag. 6). E servem como alimento para o corpo e para as emoções.

**Figura 14-** Casa de sementes - Comunidade Mamão do Mato - Brejões, 2020.



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (19/01/2020 e 2020).

Por intermédio de relatos e observação participante desta pesquisa, pode-se notar que as sementes permanecem na comunidade em uma dinâmica ancestral. Os relatos indicam que anteriormente *armazenava as sementes em cabaças* e hoje mudou o modo de guardar essas

sementes. Atualmente são armazenadas na garrafa pets. Nos relatos, configuram o respeito da troca de sementes, guardar sementes para o ano seguinte, isso marca fortemente essa cultura existente. Na Comunidade foi construída uma casa de sementes para toda região da caatinga, para os agricultores armazenar suas sementes, para não se perder essas valiosas sementes que são de patrimônio de uma geração.

As guardiãs mediam crenças nas relações místicas com o sagrado de trocas de sementes, e unem os diferentes quando se fazem alimentos, em especial o como fazer a canjica, milho assado, caldo de aipim no cotidiano da vida social. A partilha tem seu significado: o alimento potencial que pode ser repartido entre os que necessitam comer, plantar, uma relação dos sujeitos em seu modo de vida camponês.

Deste modo, atualmente um desafio, pois está se perdendo grande parte destas místicas. Muitas dessas variedades estão desaparecendo da região porque o modo de existência e/ou modelo capitalista de modernização da agricultura (agronegócio) avança com os transgênicos. Esse modelo *ataca* a disseminação de sementes crioulas. Estas sementes crioulas, que aqui na comunidade de Mamão do Mato, é chamada popularmente como *sementes boas* ou espécies domesticadas, resistem até nossos dias devido ao trabalho da agricultura camponesa num processo de tentativas, acertos e erros em seus cultivos repassados de geração em geração.

Deste modo sabendo na importância das sementes, segundo Carvalho (2016), *as famílias camponesas foram cultivando e selecionando sementes e são fruto de aproximadamente 10 mil anos de agricultura* e sendo melhorados e adaptados aos mais diversos ambientes, na qual são os solos, clima, solo e manejos dos produtores agrícolas.

As *sementes boas*, sendo as cultivares, possuem um papel importante para os sujeitos do campo para vencer a escassez de alimentos, parafraseando o autor Dorneles (2016): sementes é patrimônio dos povos e devem estar a serviço da humanidade. As sementes crioulas fazem parte do patrimônio de diversos povos que ao longo dos tempos vêm conservando, resgatando, selecionando e valorizando variedades, adaptada a cada região (NUÑEZ & MAIA, 2006).

Nessa categoria Trabalho e Soberania alimentar, destacamos elementos de produção artesanal, como as esteira e chapéus, debatemos sobre a casa de farinha, espaço de produção e também de vida/convívio, também tratamos da importância das sementes crioulas, *as boas sementes* da Comunidade. Agora passamos a falar da categoria *Tradição: rezas e samba de roda*.

## 4.2 TRADIÇÃO: RELIGIOSIDADES E SAMBA DE RODA

De acordo com Tardin (2012), ao ressaltar um conjunto de aspectos que podem nos levar a uma primeira aproximação ao entendimento das culturas camponesas, por meio da formulação relativa à experiência do campesinato brasileiro: experiências de ordenamento nas relações de trabalho e existência, dimensões étnico-raciais e de gênero, relações cotidianas com a natureza, conhecimento empírico amplo, oralidade e prática, espiritualidade, religiosidade, estética, relações diversificadas de cooperação, forte predominância patriarcal, e especialmente as dimensões relacionais entre família, comunidade e território.

A cultura camponesa em suas seleções sociais está na dimensão acentuada valores humanos fundamentais de trocas de saberes entre vizinhos no cotidiano da vida de cada um deles, mesmo entre as práticas associados ao artesanato, as festividades e espiritualidade, as danças, instrumentos musicais, os contos de história herdados dos mais velhos e as artes e as atividades culturais e sociais. Aqui destacamos experiências de religiosidade e samba de roda, característicos da Comunidade de Mamão do Mato.

Sobre o lugar da pesquisa, a Comunidade rural do Mamão do Mato, salientamos que é fortemente marcada por seus costumes e tradição vinculados aos festejos culturais, religiosos, produção agrícola de pequeno porte, artesanato e as rezas que acontece a partir do mês de agosto, estendendo-se até o mês de dezembro.

A festa do Padroeiro Bom Jesus e a festa do São João no mês de junho, são características. As pessoas acendem fogueiras e confraternizam nas casas com bebidas e comida típicas da região, acontecem na quaresma o almoço com algumas comidas como o vatapá, caruru, dentre outras.

**Figura 15-** Altar da reza - Comunidade de Mamão do Mato - Brejões, 2018.



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (19/12/2018)

Por intermédio da observação participante, atrelado aos relatos, compreendemos a foto do altar como um símbolo muito forte para a trajetória dessa pesquisa, principalmente no que tange o vivenciar desde de criança esse elemento de pertencimento de identidade. Quando criança ajudava minha avó a arrumar a mesa do santo, feita durante a semana até a reza. Lembro-me muito de uma flor que se chama flor de Santo Antônio e umas rosas graxas vermelhas, flores que cultivava na frente da casa e flores rosas que tinha em cima do morro (rochas) e isso remonta a ancestralidade. Um espaço de amor, onde pode-se alimentar de esperança, lembrando do passado e das pessoas que passou e estão na comunidade vivendo e revivendo tudo isso. Segundo os guardiões *as velas são acesas no dia de quarta e sábado*. Recordo do cheiro bom das flores, fazer uma limpeza e arrumar sempre, e deixar todo enfeitado. É o dia da Reza que celebra a festividade de alguns santos cultuados, o altar é um lugar de afeto, e resistência. Uma marca forte da continuação dessa tradição cultural na comunidade.

Conforme Silva (2014, p.30) a *Reza* que, aqui, menciono nesse parágrafo com letra maiúscula é uma palavra que dá nome às manifestações culturais de caráter religioso, realizadas em louvor aos santos católicos. As *Rezas* na comunidade do Mamão do Mato é um fato que envolve e mobiliza. Também contamos com a tradição junina, com fogueiras que representam a forte cultura dos festejos da comunidade. As Rezas e o São João são marcas nesta localidade, são de uma representatividade viva neste espaço cultural.

Os sujeitos do campo reúnem-se com muita animação e esperanças para dar conta de serviços que, muitas vezes, fazem parte do dia a dia, como cozinhar e limpar, neste dia a diferença é que as atividades são feitas em coletivo, e outras que dizem respeito a uma ocasião especial, a exemplo de enfeitar a casa junto com toda a família, amigos e comunidade ali envolvidos.

**Figura 16-** Casa enfeitada para reza - Comunidade de Mamão do Mato, Brejões, 2018.



**FONTE:** Mariana Santana de Deus (11/10/2018)

Um viés devocional permeia essas ações, transformando-as: trata-se de um trabalho que é oferecido ao santo ou aos santos. Estes são um dos motivos que fazem com que as atividades sejam realizadas durante de um ano para outro, com o prazer de quem ri de alegria e com a fé de quem reza (SILVA, 2014). Um relato de memória expressa a afirmação:

Samba e Reis que nós cantava... que era muito, hoje em dia que não canta mais, porque ele também não tem mais influência como era. [...] Mas é muito bom. E a Reza também. A minha que é que tá mais melhorzinha... eu sei se é porque o povo gosta de mim ou não sei. Só sei que um povo gosta, tem gente de todo canto. [Pesquisadora: e esse povo vem de onde Dona Corina?] vem de Milagres, Brejões, [comunidade de] São João, Duas Irmãs, Morrin, Lagoa Funda, tudo vem, tem bastante gente. [...] A Reza foi uma promessa que fiz. A de caruru... foi uma promessa que fiz. A de caruru é de minha menina, é de Sil. O mesmo tanto de ano de Sil tem [que rezamos e damos] caruru, aí como é que faz! Tem coisa da roça, tem coisa que a gente planta. Uma abóbora na roça, uma galinha... aí a gente cria. Compra galinha mais e mais pouca né. Quiabo, chuchu, tudo e da zona rural, daí a folia de manhã, meio-dia é a comida, e de noite é o caruru, aí trabalha o dia todo. Pra fazer o caruru de baixo de um pé dê *imbu*. (risos). É uma farra, é muito bom. A castanha é da roça mesmo... não precisa comprar, né isso. É muito bonito de noite samba, depois da Reza. A gente reza, dá o caruru primeiro, aí faz aquela roda muito bonita, depois canta dando o caruru. Depois do canto do caruru se vai pra reza, agente reza, tem a ladainha, tem o senhor Deus, tem a salve Rainha, primeiro do senhor Deus. É muito bonito. (ENTREVISTA GUARDIÃ DA MEMÓRIA – CORINA MARIA DOS SANTOS, 2019).

Portanto, na análise uma observação a destacar na fala da guardiã, partes muito importantes, que é o momento mais festejado do ano na Comunidade, as Rezas são cantadas do pai nosso ao Senhor Deus, e aos Benditos dos Santos festejados de cada Reza celebrada. O caruru e os sambas após a reza são marcantes para a comunidade.

Portanto vale ressaltar que nessas manifestações religiosas ocorrem o *Samba de Roda*, que faz parte deste evento religioso com que as pessoas deste lugar e convidados se reúnem dentro da sala (varanda) para cantar, bater palmas, um jeito diferente de dançar, e dentre outros elementos, mais que todos se aproximam do outro.

**Figura 17-** Samba de Roda - Comunidade Mamão do Mato, Brejões, 2014.



**FONTE:** Wilson Moura (13/02/2014 e 2019).

O samba de roda é uma manifestação artística de dança e cultura que também estão nos festejos religiosos, o *Samba* é uma parte muito forte que está na cerimônia religiosa das *Rezas* do Mamão do Mato do município de Brejões que perpassa um momento de emoções e de alegria, uma forma de resistência camponesa.

O samba de roda tem sido ocupado nos espaços de discussões de grupos, movimentos sociais, comunidade e as lideranças religiosas, e da cultura popular e manifestações populares e culturais, onde busca materializar no sentido da valorização da cultura, crença e dança e música. Nesse contexto que é amplo o que diz respeito ao samba de roda, para a autora Carmo (2009) enquanto herdeiros das formas tradicionais de samba no Recôncavo Baiano que se nos espalharam diversos territórios sendo esse no Vale Jiquiriçá na Comunidade do Mamão do Mato no município de Brejões, o samba chula, samba rural.

É a hora da Reza... E depois do samba, é o mais importante. É o tambor! Se não estiver o tambor o samba não presta, o pandeiro é bom... o tambor quando bate estremece todo mundo... é ou não é?... O pandeiro e o triângulo também faz zoadá, as tabinhas faz zoadá mas igual o tambor não tem. Se você for a um samba, e se não tiver o tambor no samba não presta... eu acho! Que é o tambor, e meus filhos também acha... que aprendeu a bater o samba! é porque todo mundo fica me mimado. Aí aqueles que já vem, já vem comer caruru e sambar. Se não tiver o samba eles não gostam... aí não adianta fazer, aí diz: não vou em reza sem samba... Romário mesmo diz. Eu vou lá sem samba nada. É sentinela... (risos). Ele diz direto. Romário é meu filho (ENTREVISTA GUARDIÃ DA MEMÓRIA – CORINA MARIA DOS SANTOS, 2019).

*O tambor quando bate estremece todo mundo... é ou não é?...* Em diálogo com a fala, Carmo (2009) indica que o *samba de roda é uma manifestação coreógrafa, poética e musical presente em todo estado da Bahia*. Portanto sabendo da importância do Samba de roda, é uma música e dança que não tem data e nem hora para acontecer, pode ser em praça, rua, escola, em uma casa sem data comemorativa. Ainda destacamos a fala de outra guardiã da memória:

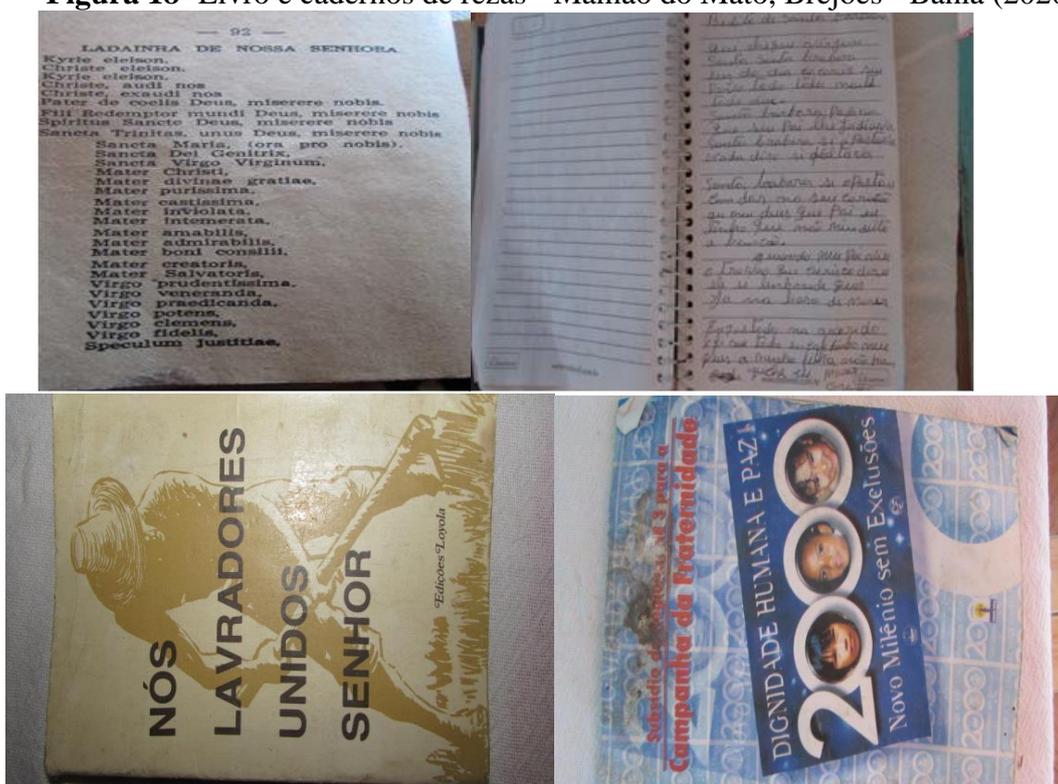
Aprende a rezar com um rezador velho que tinha aqui... Genésio. Todas as rezas que ele ia nós estava junto. Aí um dia resolvi... O primeiro que eu copiei para eu aprender foi o bendito de Santo Antônio e a primeira reza que eu rezei fui à casa de Corina, o bendito santo Antônio. Eu nem sabia rezar direito ainda, [estava] aprendendo. Eu comprei pelo caderno de Bune, [uma] rezadeira que tinha no Pascoa... aí copiei bendito tudo com o caderno dela. Aí fui rezando, rezando. Um dia consegui uma vergonha de rezar com bastante gente, mas acostumei (risos). Agora pode ter a casa cheia de gente... tiver? não tô nem aí. Aí eu consegui. Porque eu tinha vontade! eu tinha vontade de aprender aí eu consegui e seguir a carreira de rezadeira (ENTREVISTA, GUARDIÃ DA MEMÓRIA – JULIA MARIA DOS SANTOS ALMEIDA, 2020).

O desejo de aprender e continuar é crucial para pensar o modo de vida camponês. O próprio diálogo com uma guardiã relata no cotidiano onde viveu as escritas feita de um caderno de um mais velho que tinha na Comunidade, segue a questão geracional e sua perpetuação. Ela

escreve e segue o legado de resistência destas Rezas, ressaltando assim, ela transcreveu as ladainhas das rezas e foi assim que ela aprendeu a rezar.

Ao pensar em cultura, resistência e a Educação do Campo, importante entender que esta educação está diretamente relacionada com a perspectiva de criação e recriação, marcadas pelas suas vontades, capacidades, emoções, necessidades etc.

**Figura 18-** Livro e cadernos de rezas - Mamão do Mato, Brejões - Bahia (2020)



FONTE: Mariana Santana de Deus, 2020.

Os livros que são entoados as rezas de alguns Santos, servem de instrumentos que orientam essa manifestação religiosa que aqui durante o texto está relacionando. Em um dos livros está a representatividade da vida, na labuta diária do camponês, a cor/desgaste do livro da ladainha aponta seu uso de muitos anos. Segundo Camacho (2019, p.49), a maneira particular com a qual o camponês se relaciona com a sociedade, a partir da combinação de vários elementos, lhes dá uma condição social que nos permite identificá-lo como um “modo de vida”. As tradições culturais de Mamão do Mato estão situadas nesses desejos e vontades, e na materialidade dessa forma de ser.

Nesse cenário provocamos que mesmo com influência católica da Comunidade, a presença de outras religiosidades também se perpetua. Quando questionada sobre o que destaca na reza, a guardiã aponta *a chegada do caboclo*.

[Pesquisadora: o que destaca no samba de roda? Quanto tempo tem o samba na comunidade?] [...] É quando chega a um *caboco*.! Quando chega um caboclo tem que respeitar uma hora que eles estão sambando... aí deixa a sala só para eles... aí só fica só cantando na chuva que eles querem sambar. O caboclo é um pé de vento! A gente não vê. Não vê que ele pega a pessoa... deixa chegar da chula depois vai embora... aí deixa as pessoas sossegado. É um pé de vento porque ninguém ver ele (ENTREVISTA, GUARDIÃ DA MEMÓRIA – JULIA MARIA DOS SANTOS ALMEIDA, 2020).

*É um pé de vento.* A Cultura do samba de chula do Mamão do Mato se originou a partir das Rezas, que é um evento religioso, nesse sentido, Carmo (2009) afirma que está associada às festas populares do calendário religioso católico e também de cultos afro-brasileiro. A autora ainda atenta para os caboclos, como entidades espirituais cultuadas no contexto afro brasileiro.

No Brasil, práticas de racismo são naturalizadas, em especial quando se tratam de religiões de matriz africana. O presente estudo atenta para seu posicionamento antirracista. Práticas de racismo estrutural e intolerância devem ser combatidos em todas as dinâmicas cotidianas de nossa existência.

Segundo Azevedo (2018, p. 47), no universo da cultura negra, a memória do corpo música e a da música-corpo são indissociáveis, dependentes uma da outro, complementando-se, interpenetrando-se e reelaborando a “África” na sua dimensão rítmica, na palavra oral sacralizada, nas devoções religiosas aos ancestrais, na arte visual e comunicativa. Em acordo com o autor, música, dança, pintura e evocação dos ancestrais significam modos de celebrar a vida, o que implica em desafiar uma visão desencantada do mundo. *Uma política do corpo para enfrentar as adversidades.*

De acordo Silva, (2014, p.112) As salas pequenas no momento do samba parecem que se expandem, tamanha é a quantidade de pessoas que vão chegando e se revezando: ora no samba, ora no canto, ora nos instrumentos, instrumentos esses que não pode faltar na roda de samba são o tambor e o pandeiro. Todos vão acompanhando o que acontece no centro da roda com os olhares, com as palmas, com a vibração do corpo. O calor humano toma conta desse ambiente, quem está dentro da casa deixa o suor descer, expressando até mesmo a alegria que exala pelos poros.

O samba é um movimento de grupo de cerimônia religiosa e cultural, festejar, Rezar, cantado de Reis e um momento relevante dos eventos na Comunidade, assim, as salas acabam ficando pequenas para o grande número de pessoas e o calor humano atrai e alegria neste espaço da sala, é uma dança um gingado diferente do jeito de sambar (pisar no chão). Após essas reflexões, alimentadas pelas tradições da comunidade a partir do trabalho, soberania alimentar, rezas, religiosidades e sambas de roda, passamos a pensar as considerações do estudo.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Adeus! Adeus! Que eu já vou embora, eu vou com Deus e nossa senhora, nossa senhora, seja nossa companhia eu vou com Deus e a Virgem Maria. (ENTREVISTA, GUARDIÃ DA MEMÓRIA – JULIA MARIA DOS SANTOS ALMEIDA, 2020).

O samba é inspiração. Por hora encerramos as reflexões, mas o samba resiste. Considerando o objetivo de analisar quais as percepções dos guardiões da memória sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na comunidade do Mamão do Mato, Brejões – BA. O estudo se desenvolveu por uma abordagem qualitativa, com adaptação e aproximação a técnica de estudos etnográficos, uma revisão de literatura, com levantamento de textos sobre o tema e entrevista semiestruturadas. Após a análise e interpretação de dados, projetamos a intenção de comunicação com guardiões e guardiãs da memória da Comunidade de Mamão do Mato, Brejões – Bahia.

Esses participantes marcam o cotidiano das tradições culturais a partir das relações de trabalho, soberania alimentar, religiosidades e samba de roda. Problematizamos como as ações cotidianas e trabalhos desenvolvidos nesta comunidade os moradores retratam a marca da troca dos saberes e de experiências compartilhadas. Essa construção é crucial para pensar as experiências que serão produzidas nas próximas gerações. A escrita deste trabalho e vivência desta pesquisa, foi de muita relevância para minha construção de pesquisadora e moradora desta localidade. O desafio e responsabilidade de escrever esse trabalho também é um retorno a minha comunidade. Deixar escrito um legado para a Comunidade e município, pois eu sou a primeira mulher da família e da Comunidade, a estudar em uma Universidade Federal.

Portanto, falar da dimensão do meu processo como pesquisadora não foi fácil, pois houve várias sensações como medo, e várias vezes sentir sensações de ansiedade no sentido de não conseguir da conta do recado e fazer a pesquisa no tempo determinado. As emoções e a felicidade também estiveram presentes, em especial poder estar fazendo um trabalho muito bonito do lugar onde resido, em nosso olhar uma contribuição para a comunidade Mamão do Mato. Um registro do legado cultural que envolve o processo na graduação. As entrevistas foram regadas de emoção, com lindos benditos e chulas, alegrias e muitos sorrisos com o povo da comunidade.

A imersão de aproximadamente um ano possibilitou os registros fotográficos, vídeos e áudios, conversas. Na ocasião conseguimos participar de um momento de festejos do Reis, uma experiência que marca o lugar. Na Comunidade, esperamos os donos da casa dormir para cantar Reis, um grupo da comunidade segue com luzes acesas pelas estradas, com velas e lanternas e

acorda os anfitriões: Iniciamos a cantar seu Reis com *a vela acesa*: Relato esse momento para destacar a emoção. *Com a vela acesa* a comunidade segue forte e fazendo a resistência, mobilizando tamanha importância cultural dessa localidade de um povo receptivo, carinhoso.

*Com a vela acesa* seguimos, e como resultados destacamos que 1) as tradições culturais problematizadas a partir da identidade, trabalho, soberania alimentar, religiosidades e samba são como fortes elementos de resistência na comunidade. 2) A cultura e resistência estão ligadas ao modo de vida, e se desdobram por uma sucessão de práticas de gerações em gerações. Esses ciclos perpetuam a valorização das origens e identidade camponesa no espaço-tempo pesquisado.

A investigação também expressa a possibilidade de 3) refletir sobre os modos de vida, e como as tradições da comunidade apresentam uma dinâmica relacional entre local e global, dessa forma, as manifestações da cultura camponesa não podem ser lidas de forma reducionista como práticas isoladas das realidades sociais, materiais e históricas de existência.

Avaliamos em grande dimensão a questão agrária marcada pelo êxodo rural e *desprestígio* da atuação/vida camponesa frente ao simbolismo reconhecido dessa identidade, especialmente da juventude nesse contexto. Desses atores na atualidade, salientamos a necessidade de ampliar reflexões, registros, pensando o passado/presente/futuro como criadores. Provocar as gerações do presente e futuro, a partir também do passado, sobre as experiências da comunidade, em evidencia o que ainda resta de memória e em ações cotidianas e de tradições culturais vividas pelos mais velhos.

Estes registros deste trabalho têm como uma intenção transversal produzir conhecimento que pode ser compartilhado pelos moradores da comunidade e até mesmo do município como fonte de pesquisa e reflexões. Buscamos observar esse fenômeno como espaços de relações e produções na comunidade, e como podem fortalecer a cultura camponesa em sua diversidade e singularidade.

Confirmando a importância da Licenciatura em Educação do Campo (LEDC/UFRB) como fonte de mobilização/luta por valores da resistência camponesa em nosso espaço tempo, me sinto confiante na defesa de minhas origens de identidade. Quanto ao conhecimento a respeito da Educação do Campo, sinto-me satisfeita, com a consciência de que não aprendi tudo, mas certa de que levo comigo uma bagagem enorme de conhecimentos pessoais e profissionais, que irão me ajudar ao longo da vida.

Ao concluir o trabalho fico honrada e lembrando de passo a passo desta travessia, proporcionando assim as formas deslumbrantes das minhas memórias vivenciadas nesta localidade, as percepções relatadas e analisadas deste lugar. Relato ainda que foram vários

desafios e considerações nesta passagem acadêmica e de construção desta pesquisa, porque ser pesquisadora e participante do trabalho é desafiador. Contudo, finalizo com um samba que dialoga com os resultados do estudo. Uma chula que faz referência a gerações na comunidade.

Por mediação da observação participante, atrelado aos relatos da cultura camponesa expressa pelo modo de vida do lugar, compreende-se que a chula cantada pela guardiã surge na entrevista como uma memória de afirmação. A história desta chula permeia, ao longo dos anos a curiosidade da pesquisadora.

A sensação de felicidade, sentimentos de presença nas lembranças, e nas entrevistas reproduzem um legado deixado de geração para geração. A chula cantada nos sambas da Comunidade, característica do lugar é narrada por guardiões e guardiãs. Sua origem foi *um encontro ocorrido em uma reza, e ela ficou pequena para uma moradora deste lugar, depois de todo um movimento religioso da cultura da Reza e samba no amanhecer, Idalina queria ir embora, saiu do samba e chamava o esposo Balbino. E Balbino e Idalina (in, memória) o pai e a mãe da guardiã.* O relato narrado aponta que Idalina chamava e Balbino respondia. São relatos da guardiã da memória. A chula é representativa sendo entoada:

[...] E fechava o samba!  
Aí fez mesmo uma chula de samba!  
Aí quando pai bem sambou... e aborreceu e veio embora!  
(ENTREVISTA, GUARDIÃ DA MEMÓRIA – CORINTA  
MARIA BARBOSA MONTEIRO, 2019)

É de manhã...  
Idalina tá me chamando...  
Idalina tem uns costumes...  
Chama a gente vai andando...  
É de manhã...  
Idalina tá me chamando...  
Idalina tem uns costumes...  
Chama a gente vai andando...  
(GUARDIÃS E GUARDIÕES DA MEMÓRIA)

As histórias e memórias de resistência são elementos importantes para pensar a Educação do Campo e a Identidade. Os modos de vida na comunidade de Mamão do Mato – Brejões, lidos em uma relação tempo-espço que aponta a complementaridade entre local e global são configurações materiais do valor da cultura camponesa. O trabalho, práticas de soberania alimentar, tradições religiosas e os sambas, constituem o povo do lugar. Nos constituem. Por isso, concluímos com esse relato e a energia do samba.

## REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. Trabalho no Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ALVES Maria Zélia, Biasoli Mendes; SILVA, Helena Maria da Dias F. G. **Análise qualitativa de dados de entrevista: Uma Proposta**. Paidéia, FFCLRP-USP, Rib. Preto,2, Fev/jul, 1992.

ALVES, Michele da Silva. Questão Agrária no Município dar e Brejões/ BA: Um olhar a partir da Fazenda Lagoa do Morro. 61fs.il.2018. Monografia (graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018.

ARROYO, Miguel, Gonzalez; **A Escola do Campo e a Pesquisa: metas**. Pós Doutor Universidade Complutense- Madrid/Espanha. Professor Titular e Professor Emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

BRAGA, G. B.; FIÚZA, A. L. C.; REMOLANDO, P. C. A.; O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 19, n. 45, mai/ago 2017, p. 370-396.

BRANDÃO, C. R. **“No rancho fundo”**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

BRANDÃO, C. R.; Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil, 03/2007, **Ruris (Campinas)**, Vol. 1, Fac. 1, pp.37-64, Campinas, SP, BRASIL, 2007.

BRANDÃO; Rodrigues, Carlos. **O DESENCANTO DO OUTRO: MISTERIO, MAGIA E RELIGIÃO NOS ESTUDOS DO MUNDO RURAL NO BRASIL**. Universidade Estadual de Campinas 1993.

BRASIL. Decreto 7352 de 04 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4denovembro-de-2010/file>>. Acesso em: 08 de junho de 2020.

BREJÕES. **Lei Orgânica do Município de Brejões/BA**. Publicado em 1990 e Revisado no Ano de 2008.

BRUCK, Mozahir, Salomão. **Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano**. Nov. 2012/abr.2013.

CALDART, Roseli Salette. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo**. In: MOLINA, Mônica C. e JESUS, Sônia Meire S. A. (orgs.) Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo (Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 5), 2004.

CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção.** In: KOLLING, Edgar; CERIOLI, Paulo R.; CALDART, Roseli. (orgs.) Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo (Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 4), 2002.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo C. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, vol. 7, n. 1, 2016.

CARMO, Raiana Alves Maciel L. **A performance musical do samba de roda do Recôncavo Baiano.** In: XIX Congresso da Associação de Pesquisa e Pós Graduação em Música- ANPPOM, 2009, Curitiba. Anais do XIX Congresso da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Música- ANPPOM, 2009.

CARVALHO, A. J. A.; FERREIRA, M. H. S.; ANDRADE, G. S. **Cartilha para prospecção, resgate, cultivo e conservação de variedades crioulas. Projeto “A Cor Morena das Sementes Crioulas da Bahia”** (CNPq, Processo 416363681). Salvador: IF Baiano, 2016.

DE DEUS, M.S.; ALVES, M.S.; SANTOS, R.C.; MARQUES, L.B.; OLIVEIRA, C.A.S.; TRINDADE, O.S.N. **Casa de farinha e soberania alimentar na Caatinga: subsistência, cultura e saberes no interior da Bahia.** Cadernos de Agroecologia – Disponível em: <<http://cadernos.abaagroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/568>>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

FERNANDES, Bernardo Mançano e MOLINA, Monica. **O Campo da Educação do Campo.** In Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Brasília: Nead, 2004. Florianópolis, 2017.

FRASER, Márcia D. Tourinho; GONDIM, Sônia, Guedes Maria. **Da Fala do outro do texto negociado: discursões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA Paidéia. 2004, 149 (28), 139-152.

GOFI, Rosicleide. **O processo de sucessão familiar em famílias guardiãs de sementes crioulas:** estudo de caso no município de Anchieta/SC. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas,

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas/** Christian Laville e Jean Dionne: tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. \_ Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte; Editora UFMG, 1999.

LEITE, Franzen Rosana. **A pesquisa da análise de conteúdo na pesquisa qualitativa: Algumas Considerações.** Revista pesquisa qualitativa. São Paulo (SP), v. 5, n. 9, p. 539-551, dez.2017.

LENZI, Cristiano Luiz. **Sociologia ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade.** Bauru, SP: Edusc, 2006.

MARQUES, Luciane Bastos; et al, **Pesquisa etnobiológica na Educação de Jovens e Adultos:** relato de experiência de uma ação do pibid/diversidade realizada em escola rural da Bahia. Anais do IV Fórum de Licenciaturas da UFRB, V Seminário Institucional do PIBID UFRB, IV Seminário Institucional do PIBID Diversidade UFRB e I Encontro Institucional do PARFOR UFRB. Formação e valorização dos/as profissionais da educação: Situação atual e perspectivas futuras. Amargosa: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2017.

MATOS, Daniel Abud Seabra; JARDILINO, José Rubens Lima. Os conceitos de concepção, percepção, representação e crença no campo educacional: similaridades, diferenças e implicações para a pesquisa. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 3, p. 20-31, set./dez. 2016.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **Relevância e Aplicabilidade da Pesquisa em Educação.** Faculdade de Educação da Universidade Estácio de Sá. Cadernos de Pesquisa, n. 113, julho/2001.

MENDES, Rosana Maria; MISKULIAN, Rosana Giaretta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa** v.47 n.165 p.1044-1066 jul./set. 2017.

NEVES, Márcia Luzia Cardoso; SOUZA, Karoline Batista De [Org.]. **PIBID diversidade na UFRB: os caminhos da iniciação à docência nas escolas do campo.** Feira De Santana: Editora Z ARTE, 2018.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Sobre Memória e Sociedade.** Revista USP. São Paulo. N. 98.p. 87-94. Junho/ Julho/ Agosto 2013.

PTDRSS, Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, Amargosa-BA, CODETER Vale do Jiquiriça, UFRB, CNPq, MDA, 2017.

RIOS, Neilane Santos. **Mamãozinho-de-veado: Da tradição do doce ao manejo sustentável na comunidade de Ipirai.** IF Baiano, Serrinha, 2019.

SABOURIN, Eric. **Produção Camponesa e Seguridad Alimentar no Brasil: Uma Análise Pela Teoria da Reciprocidade.** Revista Latinoamericana de Estudios Rurales II (3), 2017 ISSN 2525-1635.

SILVA, Mendes Arlete; INÁCIO Jaqueline Borges; **Modo de vida camponês na contemporaneidade.** In: XX Encontro Nacional de Geografia Agrária - Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

STEDILE, João Pedro. Questão Agrária. In: CALDART, Roseli S. PEREIRA, Isabel B. ALENATAJANO, Paulo e FRIGOTO, Graudêncio (org.). **Dicionário de Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2012.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia.** In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. (org) Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANM. Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.**

## APÊNDICE

### Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado durante a pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS  
AGRÁRIAS

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que tem como objetivo analisar as percepções dos *guardiões da memória* sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na Comunidade do Mamão do Mato, Brejões – BA.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

**Título do Projeto:** EDUCAÇÃO DO CAMPO E IDENTIDADE CAMPONESA: TRADIÇÕES CULTURAIS E RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE DE MAMÃO DO MATO, BREJÕES – BA

#### Pesquisadores responsáveis:

Mariana Santana de Deus (201421171) - Estudante pesquisadora Carlos Adriano da Silva Oliveira (1193039) - Professor orientador

A pesquisa tem como objetivo analisar as percepções dos *guardiões da memória* sobre como as tradições culturais influenciam na produção da identidade camponesa na Comunidade do Mamão do Mato, Brejões – BA. O texto é fruto de reflexões do trabalho de conclusão de curso no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), na Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias,

situado no campus da cidade de Amargosa. A metodologia consiste em abordagem qualitativa, com elementos da pesquisa etnográfica e com auxílio de instrumentos como a revisão de literatura e entrevista semiestruturadas.

Caso concorde em participar da pesquisa, em caso de eventual constrangimento, ou não se sinta suficientemente esclarecido, lhe é facultado retirar o consentimento, sem nenhum prejuízo. Da parte dos pesquisadores fica ainda assegurado ao participante que não haverá qualquer ônus; os dados produzidos serão utilizados para fins estritamente acadêmicos, ficando sob a responsabilidade da equipe de pesquisa. Após ser esclarecido (a) nós abaixo assinamos:

**Amargosa – BA, setembro de 2019.**

\_\_\_\_\_ Assinatura

da pesquisadora responsável

\_\_\_\_\_ Assinatura (participante)